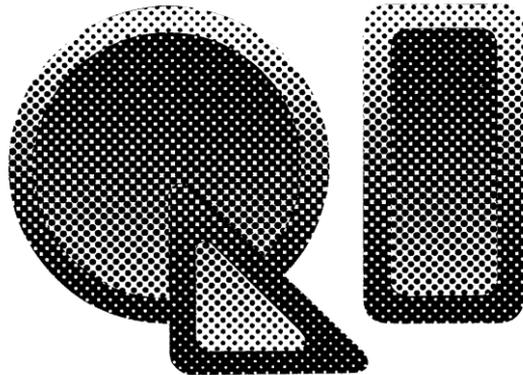


111



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 2

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pésimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Etccetera (Saga) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Drácula** (Marfe) (B) 1, 3 – R\$ 4,00 c/ * **Fan News** (Magnum) (B) 1, 2 – R\$ 4,00 c/. * **Catálogo X Salão de Humor de Ribeirão Preto** (MB) – R\$ 3,00 * **Bundas** (MB) 2, 4, - R\$ 3,00 c/ * **Revista Caos 1** (B) – R\$ 2,00 * **Início de Loyola** (Loyola) (B) – R\$ 6,00 * **Revista Abigrav 168** (B) – R\$ 5,00 * **Avenida Brasil – A Transição pela via das Dúvidas** (Míl Folhas) (R) – R\$ 6,00 * **Terror e Thriller (Luana)** (Tálmus) 1 (B) – R\$ 3,00 * **Cinevídeo** (Ondas) 1 (B) – R\$ 3,00 * **TV Séries** (B) 5, 6 – R\$ 4,00 c/ * **Made in Brasil 3** (MB) – R\$ 3,00 * **Almanaque Histórias Reais de Drácula** (Bloch) (P) 1 – R\$ 3,00 * **Roko-Loko e Adrina-Lina** (Opera Graphica) (B) – R\$ 10,00 * **Gerações II** (Opera Graphica) (B) 3 – R\$ 3,00 * **Vampi – Amor Sanguento** (Devir) (MB) – R\$ 10,00 * **Holy Avenger** (Trama) (MB) 14 – R\$ 3,00 * **Holy Avenger Especial** (Talismã) (MB) 4 – R\$ 3,00 * **Holy Avenger VR** (Talismã) (MB) 7 – R\$ 3,00 * **As Míl e Uma Noites** (Circo) (B) – R\$ 10,00 * **Alta Tensão** (fanzine) (B) 5 – R\$ 2,00 * **Poder de Fogo** (fanzine) (B) 1 – R\$ 2,00 * **Star Wars – Ressurreição** (Pandora) (MB) – R\$ 4,00 * **Lobo Solitário** (Sampa/1ª s.) (P) 1 – R\$ 3,00 * **Crying Freeman** (Sampa) (B) 2 – R\$ 5,00 * **A Vingança de Drácula** (Sampa) (R) 1 – R\$ 3,00 * **Star Force** (Sampa) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Drácula – A Sombra da Noite** (Sampa) (R) 5 – R\$ 3,00 * **Herói Gold** (Sampa/Acme) (B) 38 – R\$ 3,00 * **Coleção Invictus** (Sampa) (R) 7 – R\$ 3,00 * **Suplemento Quadrinhos** (MB) 2, 3 – R\$ 6,00 c/ * **Jornal AQC 4** (B) – R\$ 2,00 * **Status Quo** (fanzine) 7 (R) – R\$ 2,00 * **Na Era dos Quadrinhos** (fanzine) 3 (R) – R\$ 2,00 * **Epidemia** (fanzine) 15 (B) – R\$ 2,00 * **Renovação Total** (fanzine) (B) – R\$ 2,00 * **Quadrinhos Magazine** (fanzine) 3 (B) – R\$ 2,00 * **Deshquê 1** (B) – R\$ 3,00 * **Mad** (Record) (P) 14, 107, 109, 118, 127 – R\$ 2,00 c/ * **Mad** (Record) (R) 22, 24, 86, 105, 124-A – R\$ 3,00 c/ * **Mad** (Record) (B) 26, 115, 124-A, 144, 150, 158 – R\$ 4,00 c/ * **Mad Especial** (Record) (R) 8 – R\$ 3,00 * **Mad** (Mythos) (B) 1, 7 – R\$ 4,00 c/ * **Mad Especial** (Mythos) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Suruba** (Phenix) (R) 1 – R\$ 3,00 * **Udigrudi Extra** (Phenix) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Udigrudi Especial** (Phenix) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Curso Prático de Desenho** (Escala) (MB) 4, 13, 19, 27 – R\$ 5,00 c/ * **Supercine** (Escala) (MB) 12 – R\$ 3,00 * **Olha a Frente!** (Escala) (MB) 1 – R\$ 3,00 * **Biscate** (Escala) (MB) 1 – R\$ 4,00 * **Beavis e Butt-Head** (Escala) (MB) 6, 10, 13, 14 – R\$ 4,00 c/ * **Comix Milênio** (Escala) (MB) 1, 4, 7 – R\$ 4,00 c/ * **Literatura Brasileira em Quadrinhos – Uns Braços – O Homem que Sabia Javanês** (Escala) (MB) – R\$ 6,00 c/.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 111 SETEMBRO/OUTUBRO DE 2011

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (035) 3641-1372 (sábado e domingo).
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Infelizmente, mais um atraso, pelo mesmo motivo do atraso anterior. Tive que dedicar um tempo extra ao lançamento do livro “ESCRITORES DE BRAZÓPOLIS” mencionado no número anterior e o “QI” pagou o pato. Mas nada mais sério. Ao longo desses quase 20 anos de “QI” já estive em apertos maiores.

Neste penúltimo número da assinatura de 2011, o forte continua sendo os artigos. Além dos textos de minha autoria, uns maiores, outros menores, estão presentes a coluna do Worney, e mais a republicação de um texto de Anibal Cassal e a primeira parte de um longo artigo de Carlos Gonçalves.

Destaque para a ilustração da capa, feita por Lancelott. E Paulo dos Anjos continua prestigiando o “QI” com suas HQs de Benjamin Peppe.

Seções de cartas e de divulgação um pouco encolhidas, vamos ver se recuperam o pique.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

HERÓIS DA CAPA

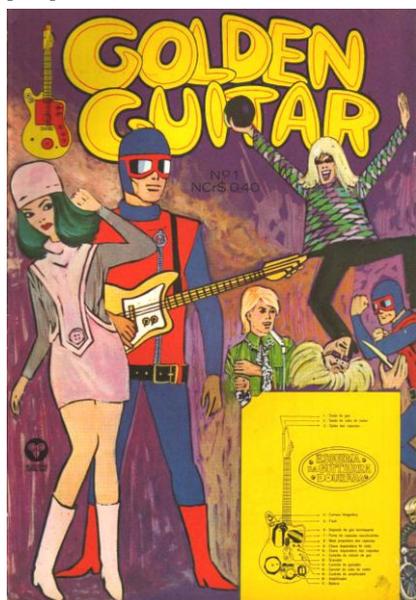
A capa deste “QI” é uma ilustração de Lancelott com 4 heróis brasileiros. Lancelott mantém o blog <http://www.hqquadrinhos.blogspot.com>, onde, além de outras coisas relacionadas a HQB, oferece um Catálogo de Heróis Brasileiros com fichas de mais de uma centena de personagens. Nessas fichas há informações sobre os personagens além de ilustrações dos heróis feitas pelo próprio Lancelott.

A seguir, informações sobre os 4 heróis da capa, retiradas das fichas feitas por Lancelott e completadas com dados do “Fã-Zine – Heróis Nacionais” de José Eduardo Cimó.

CAPITÃO 7 – Um dos primeiros super-heróis brasileiros. Estreou em 24 de outubro de 1954 pela TV Record, Canal 7, daí seu nome. Foi uma criação de Rubem Biáfora. Em 1959 foi adaptado por Jayme Cortez para os quadrinhos. A editora Continental lançou o primeiro número da revista “Capitão 7” com desenhos de Júlio Shimamoto. A revista durou até 1964. Na TV foi exibido durante 12 anos, interpretado por Ayres Campos, que tinha os direitos sobre o herói.

Outros desenhistas como Getúlio Delphin, Juarez Odilon, Osvaldo Talo e Sérgio Lima trabalharam com o personagem. Os textos eram de Hélio Porto, Gedeone Malagola e Helena Fonseca.

METEORO – Criado em 1987 por Roberto Guedes e publicado pela primeira vez em 1992. Em fevereiro de 1997 sua origem é reformulada,



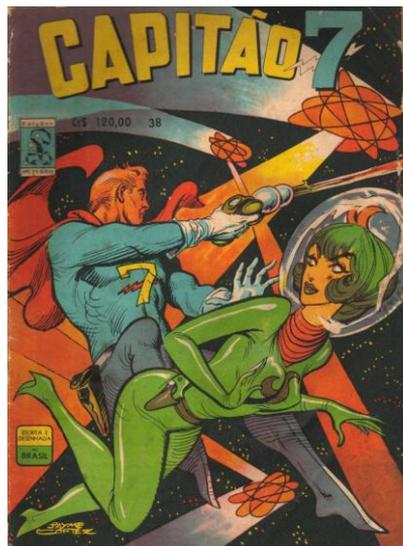
em março de 2000 ganhou novo uniforme. Roberto Guedes, um fanzineiro declarado, participou ativamente na produção de quadrinhos independentes de super-heróis, lançando vários títulos, personagens e até mesmo novos desenhistas desde 1988.

GOLDEN GUITAR – Em 1967, a Editora Grauna lançou este herói criado por Rivaldo Macedo e A. Torres. Este personagem foi produto da onda do ie-ie-ié, música da “jovem guarda” da época. Sua publicação teve apenas quatro números. A arte de Apa (José Aparecido da Silva) e Rubem Cordeiro também apresentava uma tendência pop.

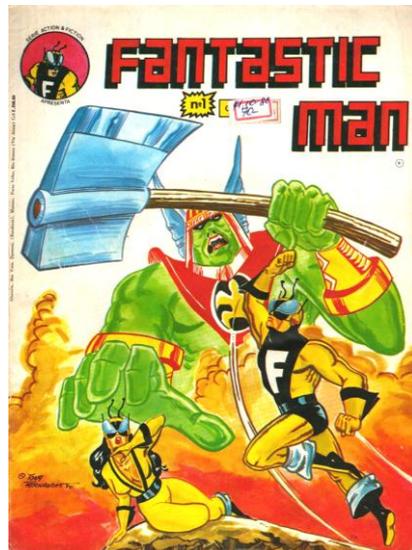
O herói não possuía superpoderes e sim uma guitarra dourada cheia de recursos técnicos, uma versão do cinto de utilidades do Batman. A história do último número da revista foi roteirizada por Luscar.

FANTASTIC MAN – Outro herói brasileiro, apesar do nome estrangeiro. Criado por Tony Fernandes em 1976, suas aventuras tinham uma pitada de erotismo. Foi publicado inicialmente na revista “Jogos & Diversões” da Editora Noblet, com o nome de Homem Formiga. Em 1982, saiu pela Editora Evictor, já com o nome Fantastic man. Teve também revista pela ETF.

O herói tem uma parceira chamada Ápia e são do planeta Vulcano. Possuem vários poderes, entre eles telepatia, descargas elétricas e capacidade de voar.



de super-heróis, lançando vários títulos, personagens e até mesmo novos desenhistas desde 1988.



MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães.

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do jávairde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

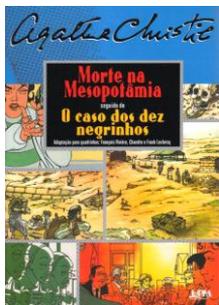
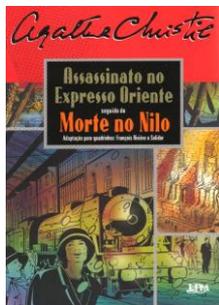
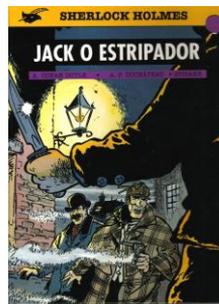
A editora L&PM surgiu com uma publicação de quadrinhos, o primeiro volume do livro “Rango” de Edgar Vasques. Depois passou a publicar todo tipo de livro, com destaque para autores gaúchos. Em meados da década de 1980, começou uma coleção de livros de histórias em quadrinhos sob o título geral ‘Quadrinhos L&PM’. Publicou todo tipo de material, clássicos norte-americanos como Cisco Kid, Steve Canyon, Nick Holmes, Flash Gordon, Mandrake, Fantasma, autores modernos europeus como Hugo Pratt, Guido Crepax, Milo Manara, Pichard, Moebius, autores brasileiros como Luís Fernando Veríssimo, Iotti, Paulo Caruso, Santiago, além de Edgar Vasques, e muitos outros títulos, numa coleção que ultrapassou a centena de volumes.



Depois de um período de marasmo, onde tentou uns formatos diferentes com algumas republicações, em 1995 começou uma coleção com o título geral ‘Clássicos em Quadrinhos’ com alguns coloridos num formato um pouco maior: 22x30cm. Saíram 2 livros em 1995

e 1 livro em 1996. Tratavam-se de adaptações de personagens literários de romances policiais consagrados. Adaptado de Georges Simenon, saiu o volume “Maigret e seu Morto”. De Conan Doyle, “Sherlock Holmes e o Cão dos Baskervilles”. De Agatha Christie, “O Assassinato no Expresso Oriente” estrelado por Hercule Poirot. Todas essas histórias foram produzidas originalmente por Claude Lefrancq Editeur, possivelmente uma editora francesa. No país de origem saíram muitos outros volumes, mas a L&PM encerrou a coleção com os três volumes mencionados.

Acontece que a L&PM chegou a anunciar um quarto volume, intitulado “Sherlock Holmes e Jack o Estripador”, que chegou a constar do catálogo da editora. Na época, tentei adquirir este volume escrevendo diretamente para a editora, contactando os vários distribuidores, encomendando em livrarias... e nada. Um colecionador de Portugal, com quem mantinha contato, disse-me que tinha este livro. Passei a procurar nos sites de venda, consultar outros colecionadores, sem sucesso.



Estas coleções produzidas por Claude Lefrancq foram publicadas também em Portugal, em 1997, pela editora Repsol, no formato 22x29cm, colorido e com capa dura. Lá saíram três volumes de Agatha Christie com Hercule Poirot, “Crime no Expresso do Oriente”, “Morte no Nilo” e “O Caso dos Dez Negrinhos” e três volumes de Conan Doyle com Sherlock Holmes, “O Cão dos Baskervilles”, “A Fita Manchada” e “Jack o Estripador”. Como o volume com o Estripador saiu em Portugal, imagino que o colecionador português que me passou a informação tenha se enganado e tivesse a edição portuguesa e não a brasileira. Assim, concluo que a L&PM não publicou essa história no Brasil. Como curiosidade, esta história mostrando Sherlock Holmes enfrentando Jack o Estripador não foi escrita por Conan Doyle, foi produzida posteriormente por algum outro escritor, talvez Ellery Queen.

Recentemente, em 2010, a L&PM voltou a publicar este material, lançando dois livros em formato menor, 16x23cm, cada livro com duas aventuras de Hercule Poirot: “Assassinato no Expresso Oriente / Morte no Nilo” e “Morte na Mesopotâmia / O Caso dos Dez Negrinhos”.

JULIERME – ZALLA – COLONNESE

Edgard Guimarães

Entre os vários textos enviados por Wagner Augusto, está uma carta escrita por Ulysses Alves de Souza, de São Paulo, capital, publicada no “Jornal da Tarde” de 13 de outubro de 1984. Publicarei primeiro a carta na íntegra e depois alguns comentários sobre o assunto.

PARA QUE JULIERME DE ABREU E CASTRO NÃO CONTINUE ESQUECIDO

Neste mês de outubro, no dia 10, fez um ano que Julierme de Abreu e Castro morreu.

No dia liguei para alguns jornais, tentando explicar o que isso significava. Acho que estava muito emocionado e não me consegui fazer entender. Ninguém com quem falei o conhecia. Expliquei que foi o primeiro educador do mundo a usar histórias em quadrinhos em livro didático com ensino dirigido. Como tinha a modéstia típica de professor, nunca chegou a ser conhecido pelos mestres de comunicação que nossas escolas andam produzindo, apesar dos milhões de adolescentes que estudaram em seus livros.



Paulo Marti, diretor do IBEP, a editora que descobriu Julierme, um mineiro criado no Rio que dava aulas em Botucatu, conta que um dia ele entrou na sua sala, notável por suas calças largas, paletó xadrez uns dois números abaixo do mínimo permitido pela elegância e vasto calhamaço nas mãos. Era um livro de Geografia, pronto, só faltava produzir. Um livro totalmente diverso dos que estavam em circulação. Na época, meados dos anos 60, o ensino já estava abandonando o magister dixit, mas os livros permaneciam iguais: uma dissertação, pequenas ilustrações em preto e branco e, no final, um questionário. O aluno que houvesse decorado a lição respondia ao questionário. Era o magister dixit impresso. O livro de Julierme era diferente, uma aula moderna, com a participação da classe. Perguntas interrompiam o texto, exatamente como o professor faz na classe para provocar o interesse dos alunos. E não adiantava decorar, precisava entender. Além disso, um livro intensamente motivador, com testes, desenhos, fotos, mapas coloridos.

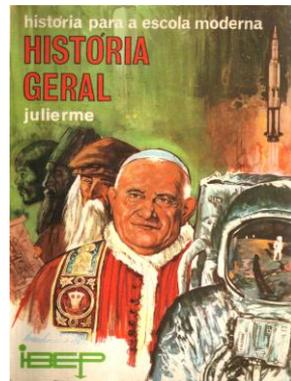
Saiu em fins de 1967. Professores e alunos descobriram que o novo método facilitava o aprendizado. Rapidamente desbancou os livros de Aroldo de Azevedo, o grande autor de Geografia da época.

No ano seguinte, Julierme apareceu com outra ideia: o curso de História (do Brasil e Geral) com a antiga explanação substituída por uma ou mais páginas em quadrinhos. Quadros sem balões, com legendas embaixo, como o ‘Príncipe Valente’. Depois, pormenores da lição nas páginas seguintes e a mesma linha de motivação do curso de Geografia: ilustrações coloridas, testes, curiosidades. Paulo Marti topou de novo a parada: reuniu a equipe que havia feito o livro de Geografia, Julierme e os desenhistas argentinos radicados no Brasil, Colonnese e Zalla. Eles já tinham (como costumam ter os desenhistas argentinos) um alentado arquivo de referências. Junto com o professor Julierme aumentaram a área de ilustrações de História: os desenhos precisavam ser documentalmente perfeitos.

Em 1968 o livro de História do Brasil ficou pronto. Zalla, que se tornou grande amigo de Julierme, afirma que foi o primeiro do mundo. Antes, houve publicações de livros de História em quadrinhos, mas não livros didáticos. Zalla cita a “História do Brasil em Quadrinhos”, de Gustavo Barroso com ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues; na Argentina, um grupo marista publicara um livro semelhante no sesquicentenário da independência do país. Nos anos 60, a história em quadrinhos começava a sair da margem da comunicação. Surgiram os primeiros teóricos universitários. Coincidentemente, a venda de revistas de HQ entrava em declínio no mundo: a Universidade chegara um pouco tarde...

Apoiado por professores e alunos, o livro foi aprovado, tornando-se o mais usado no Brasil inteiro. O professor mineiro, que tivera um jornalzinho quinzenal em Laranjal Paulista, “A Tribuna de Laranjal” (em homenagem a seu ídolo na imprensa, Carlos Lacerda), e ali dera manchete na linha recomendada por Benet no início do século para a edição europeia do “New York Herald Tribune” (‘Cachorro mordeu o nosso tesoureiro’), acertara de novo.

Mas conservou até o fim o mesmo espírito simples de professor do interior. Não se exibiu, não apareceu. E manteve íntegros os princípios aprendidos com a mãe, viúva e pobre, nos bancos da Escola Dominical da Igreja Batista. Certa vez, desesperado de vê-lo aplicar melhor o dinheiro do que em empresas que nunca davam certo, aconselhei-o a comprar imóveis e alugá-los. “Morar é um direito fundamental do homem”, disse-me. Não lhe parecia correto ganhar dinheiro à custa de um direito dos outros.



Lutou três anos com a doença que o acabou matando. Nesse tempo, seus livros, que já não tinha forças para atualizar, foram ficando para trás. Mas ele deixou um exemplo que estava sendo seguido – para alívio dos alunos, enfim, livres das maçantes aulas de antigamente.

Os jornalistas que se especializaram em histórias em quadrinhos e produzem textos a qualquer motivo (o aniversário do Pato Donald, o casamento do Fantasma, o último personagem do Schulz) ignoraram sua morte. De todos, apenas Silvio Lancellotti fez um artigo sobre o trabalho do professor Julierme. Que nunca foi publicado: o editor achou que não tinha importância...

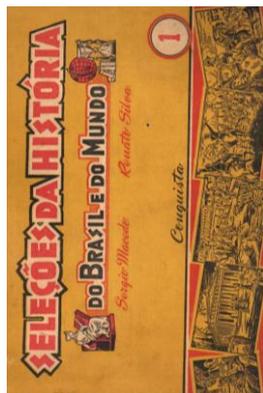
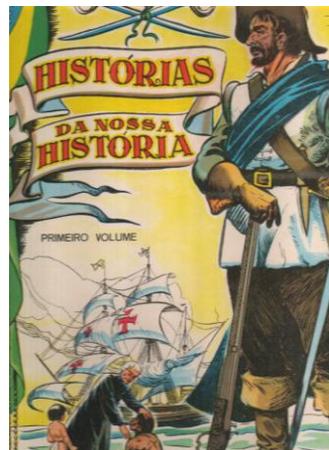
Espero que o “Jornal da Tarde” publique esta carta e repare uma injustiça. E algum deputado a leia e se lembre de dar o nome do educador Julierme de Abreu e Castro a uma escola, já que Laranjal Paulista, Piracicaba e Botucatu, cidades onde viveu e lecionou, não lhe prestaram sequer a homenagem de uma placa numa rua perdida de arrabalde.

Segundo o que pude apurar, Julierme de Abreu e Castro publicou pela IBEP, dezenas de livros de Geografia, História e Estudos Sociais, com títulos diversos, e várias vezes reeditados com atualizações e pequenas modificações no conteúdo e na capa. Alguns dos títulos publicados: “Geografia – Estudos Sociais” em 3 volumes; “Geografia – Quadro Político do Mundo Atual”; “Geografia Para Estudos Sociais”; “Brasil – Estudos Sociais” em dois volumes; “Geografia Para a Escola Moderna” em dois volumes; “História Antiga e Medieval”; “História Moderna e Contemporânea”; “Estudos Sociais – O Município”. Todos esses livros seguiam a fórmula moderna descrita no texto acima, com muita ilustração colorida, mas praticamente não tinham histórias em quadrinhos.

Consegui descobrir apenas 3 livros dessa série do IBEP praticamente feitos na forma de história em quadrinhos, com trabalhos de Rodolfo Zalla e Eugenio Colonnese. São dois volumes de “História do Brasil Para Estudos Sociais”, com cerca de 200 páginas cada, metade de HQs e a outra metade com pequenos textos e exercícios, e um volume de “História Geral – História Para a Escola Moderna”, com 350 páginas, cerca de metade com HQs. Houve também um livro intitulado “Estudos Sociais – Estado de São Paulo” que reaproveitou páginas de HQs dos livros de História do Brasil. Todos esses livros foram editados várias vezes, imagino que a cada ano saía nova edição para os novos alunos.

Como o próprio texto acima menciona, houve outras edições de História em quadrinhos publicadas antes dos livros do IBEP. As várias coleções da Ebal certamente não foram feitas para adoção como livro didático, mas Aizen tinha em mente que fossem compradas pelas escolas para equipar suas bibliotecas. Além dos dois volumes de “História do Brasil em Quadrinhos” mencionados, a Ebal publicou dezenas de outras edições de História do Brasil e Geral. Episódios como o Descobrimento, a Viagem da Família Real, a Independência, a Libertação dos Escravos, a Proclamação da República, os Holandeses no Brasil, tiveram volumes próprios. A coleção “Grandes Figuras” teve 20 números dedicados a personagens históricos. Houve também as coleções “Homens do Brasil” com dois números e “Biografias em Quadrinhos” com 12 números. Além de várias edições avulsas dedicadas a Theodor Herzl, Billings, Juarez Távora, Caxias, Santos Dumont, entre outros. Isso sem falar na “Série Sagrada” com mais de 80 números dedicados a biografias de santos.

Houve, no entanto, uma outra coleção, publicada pela Editora do Brasil, e que imagino anterior aos livros de Julierme. A coleção, intitulada “Histórias da Nossa História”, teve pelo menos duas versões: uma primeira de 7 volumes com capa dura e formato gigante (275x375mm); e outra de 8 volumes com capa dura e formato um pouco menor (245x340mm). Os livros tinham de 60 a 80 páginas e alternavam uma página de história em quadrinhos com uma página de texto relacionado à HQ. Os textos dos diversos volumes foram escritos por Rozendo Sampaio Garcia, José Pimentel Pinto, Guaracy Ribeiro e Paulo Roberto Machado de Carvalho. Os desenhos foram feitos por Messias de Mello, Gustavo Pires da Silva e José Rodrigues.



Suponho que esta coleção tenha feito um relativo sucesso, visto que foi reeditada pelo menos uma vez. Imagino que o objetivo da editora tenha sido semelhante ao de Aizen, servir de material paradidático para professores e alunos.

Vale mencionar também a coleção em 12 fascículos horizontais “Seleções da História do Brasil e do Mundo”, editada pela Conquista por volta de 1955, produzida por Sérgio Macedo com desenhos de Renato Silva. Num total de quase 400 páginas, trazia episódios isolados de 1 página com 5 quadrinhos, com as legendas embaixo dos desenhos, acompanhados de mais uma página de texto desenvolvendo o assunto. Renato Silva, além de ter sido o desenhista do clássico da HQB, ‘A Garra Cinzenta’, produziu dezenas de fascículos ensinando a desenhar, incluindo dois volumes ensinando a fazer História em Quadrinhos.

Esta coleção da Conquista também não foi feita para ser usada como material didático no ensino de História, pela própria estrutura de episódios avulsos, mas é interessante ver que o uso de HQ para fins educacionais não é recente.

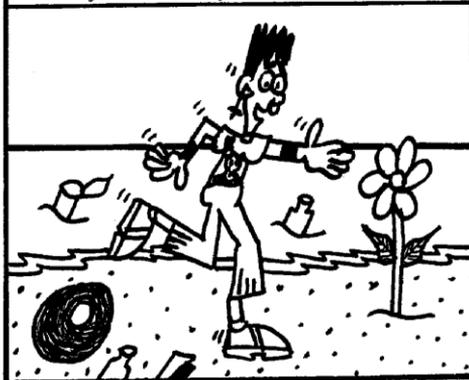
NOSSA PRAIA É TÃO LIMPA
E DESPOLUÍDA QUE...



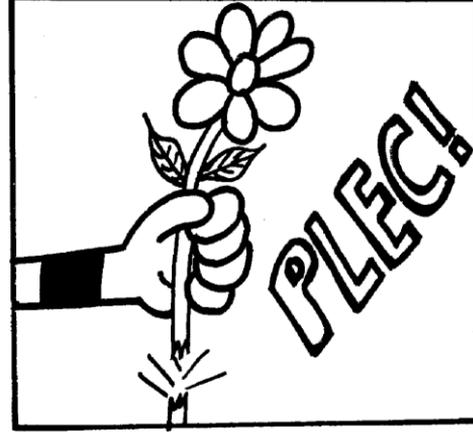
... NASCE E CRESCE ATÉ
FLORES...



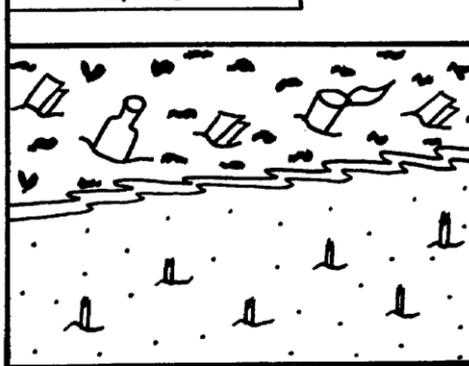
... QUANDO OS PREDADORES
VÊM, SUJAM, ESTRAGAM E...



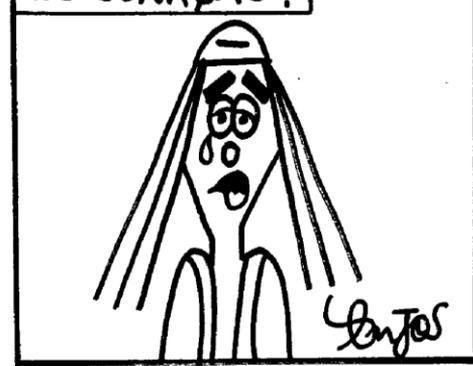
... ARRANCAM AS FLORES...

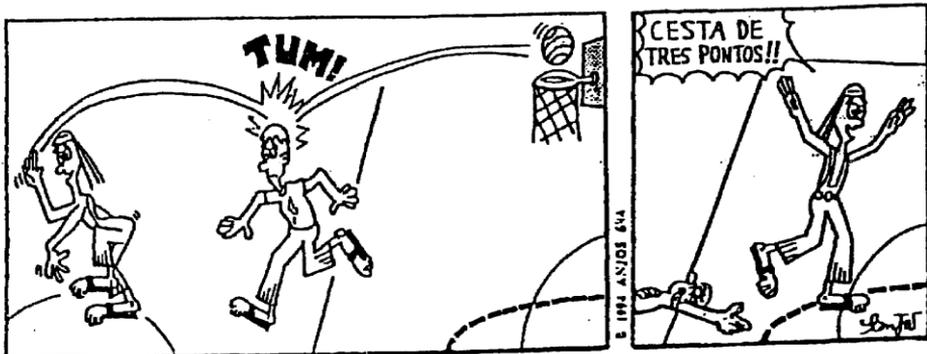
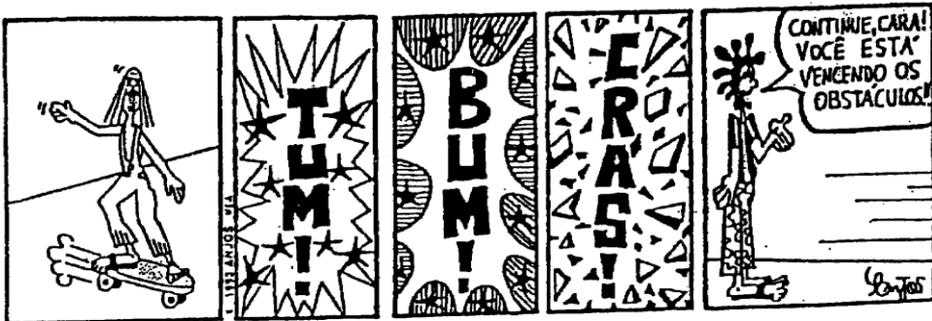


... TUDO DESAPARECE NA
NATUREZA...



... E DÁ UMA TRISTEZA
NO CORAÇÃO!





FALTA SÓ UM

A. B. Cassal

Texto escrito por Anibal Barros Cassal, publicado no nº 3 de “Boletim dos Quadrinhos”, de Alexandro Silva, em julho de 1984, e enviado por Abelardo Souza para publicação no “QI”.

Quem tem mais de 50 primaveras no lombo, como eu, se não for débil nem cretino já terá acumulado certa dose de experiência à custa de quebrar a cara e começar de novo (oi, Simone). Quase impossível resistir à tentação de deixar você, leitor, seguir o mesmo caminho – a maneira mais gostosa de aprender as coisas.

Caso você, porém, seja daqueles que apreciam acima de tudo o blá dos teóricos, seja bem-vindo, irmão. Não acredito em conselhos de qualquer natureza, mas não me recuso a fornecê-los de graça, uma vez que seu valor é idêntico ao da moeda nacional nos bancos estrangeiros. Dito isso, vamos aos fatos.

COLECIONAR O QUÊ?

Boa pergunta, embora todo o mundo esteja careca de saber que o papo é sobre gibi. Existem, por exemplo, aqueles que querem colecionar de tudo um pouco, coitados. Já fiz parte desse time e quase acabei doido, é um nunca acabar de títulos e coleções. Por isso, os mais precavidos se dedicam apenas a um tipo de gibi, o faroeste, digamos. Só mais tarde ficarão sabendo que entraram num poço sem fundo, as revistas desse tipo parecem não ter fim: Cavaleiro Negro, Campeões do Oeste, Rocky Lane, Flecha Ligeira, Gene Autry, Búfalo Bill, Reis do Faroeste, Zorro, Cisco Kid, Matt Dillon e dezenas de outros centauros. O Aimar, com o Lone Ranger, tá gramado até hoje. O mais prudente, então, é escolher UM só título. Desde que não seja algo assim como “O Tico-Tico”: quase 60 anos de existência, mais de dois mil números publicados. Para os apressadinhos, um bom conselho: da revista “Eureka”, da Vecchi, saíram só doze números. Quem sabe...

COLECIONAR QUANDO?

De preferência sempre, as 24 horas do dia, se der – até mais. Todo bom colecionador tem sempre os ouvidos antenados para comentários do tipo “passava eu por uma avenida da zona sul, quando vi um boteco” e nem é preciso ouvir o resto. Corra para casa e, munido de uma planta da cidade, vá descartando ruas, becos, praças, vielas, cruzamentos, passarelas, caminhos de cabras, para fixar-se unicamente em avenidas. São menos de oitenta, eu sei, mas que diabo, percorrendo com vagar, digamos duas por mês, em cerca de QUARENTA meses você terá esgotado todas as possibilidades e até mesmo localizado o maldito boteco. A essa altura fechado, provavelmente, o dono tendo-se mudado para o interior. A visão é outro sentido fundamental. Há colecionadores que, do alto de um morro, conseguem distinguir bancas de sapateiro a três quilômetros dali, onde, entre outras revistas penduradas na entrada, destaca-se um “Gibi Mensal” 1943. Sem capa, vá lá. O olfato, finalmente. Um amigo meu de quem desejo preservar a identidade, o Delê, descobriu certa vez, em depósito de lixo, nada menos que o flamante exemplar da Edição de Natal do Gibi 1942, uma raridade. O único inconveniente é que, ao abrir, o exemplar se desfez entre seus dedos ávidos. Mas ele guarda até hoje minúsculo fragmento da capa, como prova irrefutável da descoberta arqueológica.

COLECIONAR ONDE?

Esse último ponto não é de desprezar. Geralmente o colecionador começa a guardar os gibis numa caixa vazia de sapatos. Depois, um caixote de papelão, desses de supermercado. Mais tarde, um armário, é a glória. Um só não vai dar, outros armários virão. O acervo cresce rápido demais. Debaxo do armário. Embaixo da cama. A penteadeira da mulher. Pequenos montes de gibis atrás das portas, advirta a faxineira. Se tiver garagem, melhor. Com o tempo você poderá deixar o carro na rua, para guardar mais revistas. Ia-me esquecendo, o quarto das crianças. Para que diabo precisam elas de TANTO espaço? Tente subornar os pais de sua esposa, afinal eles possuem lugar de sobra. Já tentou o forro da casa? Se ele vier abaixo, experimente cavar um abrigo subterrâneo no pátio. Danificou o encanamento? Cavacos da profissão. A casinha do Piloto, seria um ótimo lugar. Que mais? Em último recurso, tente o BNH, os preços estão convidativos. Ou mude-se para Tombuctu. Dizem que lá os aluguéis são inferiores aos nossos.

COLECIONAR POR QUÊ?

Bom, aí vou parando. Tão querendo me gozar? Só existe uma resposta: porque todo colecionador é louco de atar. Ora, que pergunta...

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

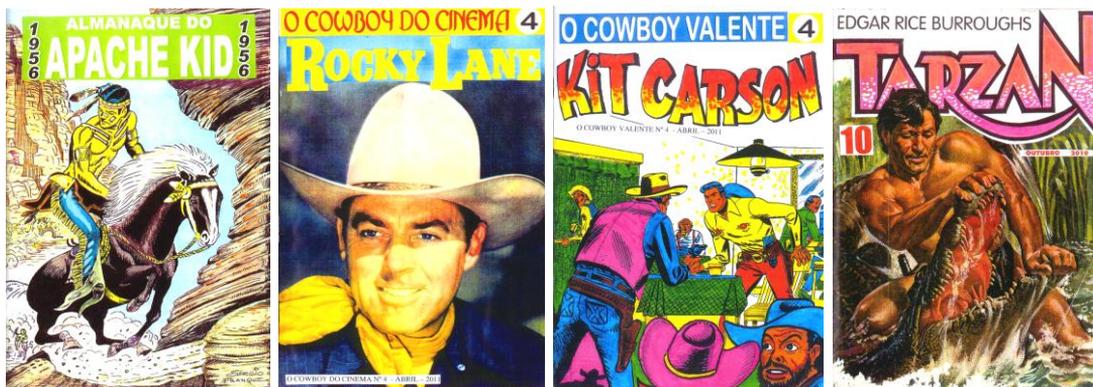
Sérgio Luiz Franque faz mais quatro grandes lançamentos.

O primeiro é o “Almanaque do Apache Kid 1956” com 20 aventuras de Apache Kid, com 4 a 7 páginas cada, com os títulos ‘Vale do Cavalo Selvagem’, ‘O Mistério da Cidade Fantasma’, ‘Revolta!’, ‘O Grito do Coiote’, ‘A Lei do Totem!’, ‘O Desfiladeiro das Águias’, ‘A Herança Selvagem!’, ‘Perigo Pintado!’, ‘Terra da Discórdia’, ‘O Apelo da Imensidão’, ‘O Último dos Tomahawks’, ‘A Trilha do Poente!’, ‘Flechas Chamejantes’, ‘Fúria do Alazão!’, ‘Revólveres x Machadinhas’, ‘O Homem que Voltou!’, ‘Baionetas e Lanças’, ‘Ídolo Flamejante’, ‘Herança Perigosa’ e ‘Guerra Sem Trégua!’. O almanaque tem 112 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 60,00**.

O segundo é o n° 4 da revista “O Cowboy do Cinema”, de abril de 2011, estrelando Rocky Lane, com as aventuras ‘A Estátua da Devastação’, ‘A Fera da Montanha’, ‘Os Sonhos Misteriosos’, ‘Feitiço contra o Feiticeiro’, ‘O Ardil dos Assaltantes’, e ilustração de Sérgio Franque. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 30,00**.

O terceiro é o n° 4 da revista “O Cowboy Valente”, de abril de 2011, estrelando Kit Carson, com as aventuras ‘Tiroteio na Cidade Fantasma’, ‘O Homem que Odiava Armas’ e mais 5 histórias sem títulos, todas desenhada por John Romita. A revista tem 40 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 30,00**.

O quarto é o n° 10 de “Tarzan”, de outubro de 2010, com as aventuras ‘Os Guardas das Cavernas’, aparentemente de Jesse Marsh e Russ Manning, ‘Tarzan e os Homens-Cabeça’ de Burne Hogarth, e uma história de Boy, além de ilustrações de Sérgio Franque. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 30,00**.



As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no MercadoLivre em “Almanaques Raros”.

Promoção Especial para os leitores do “QI” (válida até o próximo número): R\$ 250,00 na compra de 5 Almanaque (R\$ 50,00 cada); R\$ 400,00 na compra de 10 Almanaque (R\$ 40,00 cada); R\$ 125,00 na compra de 5 Revistas (R\$ 25,00 cada); R\$ 200,00 na compra de 10 Revistas (R\$ 20,00 cada). Em qualquer caso, sem despesa postal.



TINTIN EM PORTUGAL

Para comemorar os 75 anos de publicação de Tintin em Portugal,
CARLOS GONÇALVES

escreveu um estudo que seria publicado na forma de encarte pela editora portuguesa ASA, acompanhando a nova coleção das aventuras de Tintin lançada por ela. Acontece que a Fundação Moulinesart, dona dos direitos de Tintin, não aprovou a inclusão do encarte junto aos álbuns, vai saber por que motivo. Publicamos nós, em partes, este estudo.

PORTUGAL FOI O PRIMEIRO A PUBLICAR AS AVENTURAS DE TINTIN A CORES HÁ 75 ANOS.

16 de abril de 2011 marcou precisamente o dia da comemoração dos 75 anos em que, pela primeira vez, Tintin surgiu em Portugal, a viver as suas emocionantes aventuras, pela primeira vez a cores, transformando-se rapidamente numa personagem de sucesso. Ao longo dos anos as suas histórias foram-se sucedendo a um ritmo contínuo, nunca deixando de povoar a imaginação de milhares de algumas das gerações de leitores portugueses, quer jovens, quer adultos.

Mas, para que tal acontecimento tivesse lugar, há que prestar uma sentida homenagem a dois homens, um era um padre, homem de fé, bondoso, altruísta, outro era um homem dinâmico, conhecedor do ser humano, possuidor de uma rara sensibilidade e que soube sempre estar à altura dos desafios que a vida lhe criou, quando decidiu atingir alguns objetivos na sua vida profissional.

PADRE ABEL VARZIM DA CUNHA E SILVA

Abel Varzim da Cunha e Silva nasceu em Cristelo (Paredes) a 29 de abril de 1902. Ordenado sacerdote em Braga, a 29 de junho de 1925, com 23 anos apenas, aceitou ser enviado para o Alentejo. Começou aí a sua vida paroquial. Lecionou no Seminário de Serpa, onde fundou o primeiro grupo de Escoteiros daquela província. De 1930 a 1934, frequentou a Universidade de Lovaina, na Bélgica, conseguindo o grau de Doutor em Ciências Políticas e Sociais. Nessa universidade, viria a travar amizade com o padre belga Norbert Walez, diretor do diário católico “Le XXe. Siècle”, em cujo suplemento infantil “Le Petit Vingtième” seriam publicadas as primeiras aventuras de Tintin. Sendo ele próprio assinante do jornal, viria a conhecer mais tarde Hergé e no seu regresso a Portugal viria a corresponder-se com ele. Quando tomou conhecimento que a Rádio Renascença publicava “O Papagaio”, conseguiu convencer os responsáveis daquela Rádio para que apresentassem as aventuras de Tintin naquela publicação, o que viria a ser feito como sabemos, com total aceitação de Adolfo Simões Muller.

Mais tarde, iniciou-se na defesa dos trabalhadores e dos pobres, com todos os condicionalismos existentes na altura. Dirigiu, de 1939 a 1948, o Secretariado Económico-Social da Ação Católica Portuguesa. Foi deputado da Assembleia Nacional, em representação da Igreja, de 1938 a 1942. Devido ao seu amor à classe trabalhadora, não voltou ao lugar nas legislaturas seguintes, por haver já incompatibilidade entre a sua figura e o Governo de então. Funda a Liga Operária Católica, cujas atividades vieram a ser também reprimidas. De 1938 a 1948, foi professor do Instituto de Serviço Social, mas viu-se obrigado a demitir-se por divergências de novo com o Governo. Foi então nomeado pároco da Encarnação, no Chiado, em Lisboa, em 1951. Resolve então trabalhar na recuperação e ajuda dos seus paroquianos, sempre atravessando várias crises, devido às suas atividades. Já cansado e doente, resolve voltar à sua terra natal em 1957, onde tenta manter as suas atividades, sempre vigiado pela Pide. Faleceu em 20 de agosto de 1964, sempre sem desistir dos seus objetivos.

UM CONSTRUTOR DE SONHOS CHAMADO ADOLFO SIMÕES MULLER

Adolfo Simões Muller nasceu em Campo de Ourique a 18 de agosto de 1909. Publicaria o seu primeiro livro para crianças, tinha 22 anos. Frequentou Medicina, mas o seu sonho era a Física. Vai dar aulas mais tarde, de Instrução Primária, para as Oficinas de S. José, também em Campo de Ourique. Começaria aí o seu grande interesse pela Literatura Infantil, a gênese de seu primeiro livro da especialidade, que seria escrito baseado nos textos que tinha criado para as crianças.

Inicialmente, o seu interesse pela Banda Desenhada era quase nulo, como aliás acontecia com muitas outras figuras da época, ligadas à Educação. Os próprios artistas que com ele colaboraram na execução das suas revistas infantis, também não eram, de modo algum, amantes da Figuração Narrativa, tais como Tomás de Mello (Tom) e José de Lemos, que o auxiliariam na criação da sua primeira revista infantil de Banda Desenhada, intitulada “O Papagaio”, devido a uma iniciativa dos dirigentes da Rádio Renascença, por quem Muller seria convidado. Estávamos em 1935. Na época, os argumentos apresentados por todos os educadores eram que a criança se desabitua da leitura, não raciocinava, não desenvolvia a sua imaginação e o seu intelecto natural, etc... Por outro lado, a Banda Desenhada ou as Histórias aos Quadrinhos que se publicavam nessa altura, segundo Muller, estavam longe de ser famosas e davam uma certa razão aos que, não fazendo outros trabalhos, condenavam a 9ª Arte. Isto porque, na ótica de Adolfo Simões Muller, não se tinham ainda desenvolvido, em pleno, os trabalhos de artistas portugueses. Uma situação que, justiça lhe seja feita, sempre tentou implementar nos jornais infantis que dirigiu ao longo da sua vida. Bem cedo Muller viria a reconhecer a força da nova forma de expressão e de comunicação, pois os editores tinham-lhe pedido que nos seus trabalhos não faltassem muitas ilustrações. Ainda que não fosse Banda Desenhada, era já um princípio.

Como já tinha publicado o seu livro de versos para crianças, “Sabichão em Calças Pardas”, ilustrado por Tom, e a publicação do livro, igualmente para crianças, “O Nico e o Tico”, com ilustrações de José de Lemos, que viria também a tornar-se num excelente escritor para crianças, desenhador de craveira e igualmente um humorista de respeito, tal viria a reforçar a sua ligação à Banda Desenhada.

Mas o seu primeiro grande passo nesse campo é dado quando Muller se torna editor e diretor da revista “O Papagaio”, lançada a 18 de abril de 1935. Será nessa revista que Simões Muller se transformará e irá escolher como meta as Histórias aos Quadrinhos, no seu itinerário como poeta e escritor. Estava, pois, apadrinhada a Banda Desenhada e, nas revistas que dirigiu, onde iriam colaborar alguns nomes famosos como desenhadores, tais como Júlio Resende, Rudy, Arcindo Madeira, os malogrados irmãos Sérgio Luís e Guy Manoel, desaparecidos prematuramente por doença, Ruy Manso e muitos outros, sempre divulgaria em paralelo com histórias portuguesas os melhores trabalhos estrangeiros e mais didáticos.

A 16 de abril de 1936 (precisamente um ano depois do início da publicação de “O Papagaio”), surgem nesta revista infantil as aventuras de Tintin, devido a uma ideia do Padre Abel Varzim da Silva, que conhecia Hergé e tinha alvitrado aos responsáveis pela Rádio Renascença a ideia de serem publicadas nas páginas de “O Papagaio” as aventuras da sua personagem.

Originalmente as aventuras deste “herói” ainda se publicava a preto e branco, mas Muller resolveu apresentá-la a cores, aos seus leitores portugueses, conquistando-os, ainda que para isso não tivesse autorização do seu autor. Hergé não protestou e até gostou de ver os seus desenhos coloridos, mas viria a criticar a sua paginação, que seria remontada desde o seu início. Na primeira página de “Tintin na América”, a última vinheta é logo suprimida. O sucesso desta iniciativa deveu-se a que Tintin possuía uma riqueza e uma coerência nas suas atitudes, em toda a sua simplicidade, que despertaria rapidamente grandes paixões nos seus leitores. Lembramos que o fenómeno Tintin só seria reconhecido internacionalmente nos anos cinquenta, primeiro em Espanha e depois em Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

Durante o início da Segunda Guerra Mundial, e devido a dificuldades em transferências de dinheiro de uns países para os outros, Muller acabaria por pagar algumas pranchas de Hergé com latas de sardinhas (na altura Portugal era especialista e um grande produtor deste tipo de conservas). Lembramos que no bunker de Hitler foram encontradas 3 latas de sardinhas Ramirez. Esta empresa chegou a comercializar com 35 países.

Depois de um percurso relativamente curto à frente dos destinos da revista “O Papagaio”, cerca de 6 anos, Muller seria convidado pela Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do jornal “Diário de Notícias” e da revista infantil “Diabrete”, lançada a 4 de janeiro de 1941, para dirigir esta última publicação. O “Diabrete” passa então a publicar a partir do seu nº 14 as histórias de ‘Quick et Flupke’, subordinadas ao título ‘Tropelias de Trovão e Relâmpago’, da autoria de Hergé (tal deve-se a que os direitos de publicação das aventuras de Tintin pertenciam ainda à revista “O Papagaio”), mas o nome de Muller como diretor da revista só figurará a partir do seu nº 20. Aquelas aventuras marcam já o início da colaboração de Muller com esta publicação, provavelmente devido a novo contrato que este faria com Hergé.

No “Diabrete” irá destacar-se o nome de um dos nossos maiores e melhores expoentes no campo da Banda Desenhada nacional. Trata-se de Fernando Bento, que já colaborava na revista desde o seu nº 1, sendo ele o autor de toda a sua parte gráfica. Este incansável e extraordinário desenhador seria uma ajuda preciosa e decisiva para Muller poder alcançar um grande êxito para a revista “Diabrete” e para os seus livros futuramente. O “Diabrete” apresentou-se desde sempre como uma panóplia extensa de trabalhos deste artista, pois desde o cabeçalho, às cercaduras e às próprias histórias de Banda Desenhada, além de ilustrações, eram da sua autoria na maior parte.

Também nesta revista irão surgir novas aventuras de Tintin em “O Cepro de Ottokar”, a partir do seu nº 594, de 9 de março de 1949. Seguir-se-iam outras mais tarde.

Em dezembro de 1950, surge uma Comissão de Censura Para a Literatura Infantil, onde Muller será enquadrado, por desempenhar as funções de diretor de uma revista infantil e nunca porque se sentisse vocacionado para tal. Aliás, muitas das passagens do Código criado nessa altura, para fiscalizar o comportamento das publicações infantis, tinham sido criadas por José de Oliveira Cosme, outro diretor de uma revista infantil de Banda Desenhada, neste caso o “Mundo de Aventuras”.

Quando o “Diabrete” termina em finais de 1951, o nome de Adolfo Simões Muller irá manter-se como diretor, desta vez da revista “Cavaleiro Andante”, iniciada a 5 de janeiro de 1952, para substituir a publicação extinta. Logo no seu primeiro número apareceriam as aventuras de Tintin em “O Templo do Sol”. Mais algumas seriam apresentadas mais tarde, aos seus leitores.

Os anos 1950 e 1960 serão pois os melhores e os mais prolíferos da carreira de Muller, pois com a criação do “Cavaleiro Andante” serão publicadas em paralelo imensas edições e algumas com excelentes trabalhos. São elas: “O Pajem” (1952), como suplemento de revista mãe; “Desportos do Cavaleiro Andante” (1953) também como suplemento; os “Números Especiais do Cavaleiro Andante” e de “Natal” (1953), os “Álbuns do Cavaleiro Andante” (1954); “Vida de Jesus” (1955); “Obras-Primas Ilustradas” (1955); “João Ratão” (1956), “Andorinha” (1958) igualmente como suplemento, e “Coleção Alvo” (1959).

Em 1961, e enquanto o “Cavaleiro Andante” dava os seus últimos passos como revista, era lançado “O Foguetão”, um jornal de grande formato (infelizmente de pouca aceitação junto dos seus leitores, devido às suas dimensões, idênticas às do tabloide), mas onde não faltariam desde o seu primeiro número as aventuras do nosso jovem repórter Tintin, desta vez na língua original, mas com a respectiva tradução para português em rodapé. Era “Tintin no Tibet”. Seria uma tentativa de criar novos leitores. No seu interior teria um suplemento intitulado “Bip-Bip” criado graficamente por Fernando Bento e que mais tarde transitaria para o “Cavaleiro Andante”, quando “O Foguetão” acabou prematuramente no seu número 13.

Com o fim da revista “Cavaleiro Andante”, Simões Muller resolveria apostar numa revista de formato mais pequeno, com um maior número de páginas (o formato de “O Foguetão” tinha-o marcado), que surgiria em 1962 com o nome de “Zorro” e onde mais uma vez, um ano depois de seu início, voltam de novo as aventuras de Tintin em “As Joias de Castafiore”, para gáudio dos seus leitores. Ainda que não surgiss em mais aventuras da nossa personagem, na sua falta seriam publicadas as aventuras de Jo, Zette et Jocko em “O Manitoba Não Responde” a partir do seu nº 86 de 20 de junho de 1964 e mais “A Erupção de Karamako”.

Ainda antes de o “Zorro” acabar em 1966, Muller ocupava-se em paralelo dos destinos de um suplemento do jornal “Diário de Notícias”, intitulado “Nau Catrineta” e aparecido em 14 de dezembro de 1963. Embora não surgisse ali as aventuras de Tintin, o que só aconteceria mais tarde no nosso país, na revista com o seu próprio nome em 1968, o leque das histórias apresentadas era de origem franco-belga. “Nau Catrineta” acabará em finais de setembro de 1975 e a partir daqui cessam as funções de Muller como diretor de revistas infantis.

Depois de estar cinquenta anos ligado às atividades literárias infantis, sempre com grande sucesso no campo da 9ª arte, Muller ainda continuava com dois grandes sonhos, que nunca chegaria a concretizar: a criação de um grande jornal infantil e juvenil, de organização internacional, e a criação de outro destinado aos filhos dos emigrantes portugueses espalhados pelo mundo.

Mas ainda que Muller não conseguisse concretizar estes dois sonhos, fê-lo em pleno e no que respeita ao campo literário infantil, ao criar pequenas obras-primas magistralmente ilustradas, por grandes desenhadores da época e principalmente pelo seu grande amigo e parceiro destas lides, o desenhador Fernando Bento, com as obras “A Última História de Xerazade” (1944), “Dona Maria de Trazer Por Casa” (teatrinho infantil – 1947) e “As Mil e Uma Noites” (1948), esta última edição seria apresentada totalmente em Banda Desenhada.

Já anteriormente eram de sua autoria muitas outras obras, das quais destacamos: “Meu Portugal, Meu Gigante” (1931) com José Lemos nas ilustrações, “Jesus Pequeno” (1934), “Caixinha de Brinquedos” (1937) com Rudy, “A Última Varinha de Condão” (1941) com ilustrações de Cambráia, “O Feiteiro da Cabana Azul” (1942) com Manuel Lapa, “Historiazinha de Portugal” (1944) com desenhos de Emmérico Nunes, “A Pedra Mágica e a Princesinha Doente” (1945) com Fernando Bento, “O Capitão da Morte” (1946) com Victor Péon, “Aventuras de Trinca Fortes” (1946) com Júlio Resende e “O Homem das Mil Invenções”, desta vez com ilustrações de Manuel Lima. Todas estas obras e muitas outras viriam a ser incluídas posteriormente numa coleção intitulada “Gente Grande Para Gente Pequena”, com um total de 14 títulos, ilustrados por mais desenhadores, incluindo José Ruy.

Também não podemos esquecer que, além do papel importante que Muller desempenharia na divulgação das aventuras de Tintin, também deveremos salientar que ele seria igualmente o divulgador das aventuras de Michel Vaillant, Blake e Mortimer, Lucky Luke, Astérix e Obélix, Kid Ordini e muitas outras, que acabariam por aparecer nas páginas das revistas que Muller dirigiu ao longo da sua existência.

Muller faleceu a 17 de abril de 1989.

FÓRUM

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO
C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

As suas matérias sobre ‘Mistérios do Coleccionismo’ são perfeitas. Infelizmente, não existe nenhuma obra que realmente trate da História das histórias em quadrinhos no Brasil de um modo geral, portanto não matérias avulsas assim que vão traçando, pouco a pouco, um relato de uma parte importante da imprensa brasileira, que foram as editoras de quadrinhos do passado. Os leitores jovens, acostumados apenas com super-heróis, mangás, Maurício de Souza e Bonelli, não sabem como, em décadas passadas, o mercado de quadrinhos no Brasil abrigava inúmeras editoras, gêneros variados e muito mais. O Grupo de Editores Associados, que você abordou no “QI” 109, é hoje uma editora quase esquecida entre nós. Teve vida curta, mas, na época, publicou muitos títulos. Não tenho nada da GEA, mas lembro-me bem de suas revistas. As publicações em cores eram realmente de boa qualidade. Até mesmo o material da Marvel que, se não me falha a memória, até então nunca tinha saído em cores entre nós, era bem feito. No entanto, o material de tiras diárias e páginas dominicais, como Cisco Kid, Jim das Selvas, Capitão Carmen, Príncipe Valente e outros, era uma calamidade. Tudo adulterado, cortado, retocado (aquele procedimento típico empregado pela RGE e Ebal). Um detalhe curioso a respeito da GEA que talvez você não saiba. Eu estava no Rio (não me lembro da data) e decidi fazer uma visita à editora. Chegando lá, fiquei sabendo que ela tinha sido vendida e o novo dono estava furioso. Mostraram a ele enormes pilhas de revistas como sendo material já impresso ainda a ser distribuído. Só depois ele percebeu que não era bem assim. Tudo era encaixe, devolução da distribuidora. Como não lembro quando foi isso, não sei dizer se a editora ainda sobreviveu por muito tempo.

Outro detalhe interessante apontado por você em suas matérias (desta vez no “QI” 110) é a mistura de personagens de diversas agências distribuidoras numa única revista. Isso era comum entre nós. Acontecia muito com o material originalmente publicado em comic books americanos. Como uma única agência distribuía material para várias editoras, havia uma seleção ou distribuição realmente curiosa. O material da Fawcett Comics, por exemplo, era distribuído (não sei qual o critério) para a Ebal (Monte Hale, Bob Colt, Tex Ritter, Bill Boyd, Ken Maynard etc.), para a RGE (Rocky Lane, Lash La Rue, Capitão Marvel etc.), para O Cruzeiro (Nyoka, Tom Mix, Capitão Meia-Noite etc.). Nos Estados Unidos, muitos desses heróis de faroeste, além de suas revistas próprias, eram publicados juntos em outras. A agência distribuidora no Brasil dividia então o material de uma única revista para 3 editoras diferentes. Outro detalhe interessante. Nos anos 1950, a Marvel (na época, com outro nome) publicava uma revista de sucesso: Kid Colt. No Brasil, a agência separou as histórias de Kid Colt desenhadas por Joe Maneely e mandou-as para a Ebal (que as publicava com o título de Kid Máuser) e as de Jack Keller e outros foram para a RGE, que manteve o nome original. Era uma tremenda confusão, mas era o que acontecia por aqui. E muito mais. Se eu não estiver errado (não tenho mais nada desse material para poder conferir), até mesmo a família Marvel foi separada aqui. Capitão Marvel e Capitão Marvel Jr. eram publicados pela RGE. Mary Marvel, quando atuava sozinha, era publicada em “O Guri” (editora O Cruzeiro) e quando fazia parte da Família saía pela RGE.

O novo lançamento da IDW (Flash Gordon/Jungle Jim), acredito que será o ponto máximo de qualidade gráfica para uma “reprint of newspaper strip”. A IDW nunca decepcionou com suas edições. Talvez as sundays de Dick Tracy, publicadas por ela, devesses ser em cores, mas, verdade seja dita, o colorido em Dick

Tracy nunca foi o forte da página dominical, pois sempre foi um colorido comum, muito diferente de outras páginas dominicais da época, como Connie, Red Ryder, Flash Gordon, Polly & Her Pals, Captain Easy, Brick Bradford e muitos outros. Como Dick Tracy parece ter sido o primeiro título publicado pela IDW, talvez na época o editor não pensasse em colocar páginas dominicais em cores no meio das tiras diárias, como logo em seguida passou a fazer em Terry & the Pirates. Ainda bem que foi assim. Em minha opinião, as cores para muitas páginas dominicais são essenciais, mas para outras nem tanto. Hoje, após tantos anos vendo, lendo e examinando histórias em quadrinhos, não consigo mais aceitar obras como Prince Valiant, Lance, Captain Easy, Tarzan (Foster, Hogarth, Manning) e muitas outras sem as cores originais. Por outro lado, pelo menos em minha opinião, as cores não fazem falta nas páginas dominicais de Peanuts naquela coleção da Fantagraphics (publicada no Brasil pela L&PM). No entanto, em On Stage as cores fazem muita falta, pois Leonard Starr tinha um belíssimo trabalho de cores.

CARLOS ALBERTO GONÇALVES
R. Tomás da Anunciação, 171,3º Dto. – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Achei interessante a sua capa, bem como o respectivo conteúdo, sempre cheio de informações úteis, além dos seus artigos sempre recheados de material de grande qualidade, para todos que gostam de estar atualizados quanto ao passado, como quanto ao presente, no que respeita à 9ª arte. Mas é sobre sua capa que quero falar. A cena, muito bem conseguida e caricata, lembra-me um fato que já me aconteceu... quando há 26 anos arranjei a casa perto de Mafra e Ericeira (local onde abundam as praias, embora de águas muito frias, mas minha mulher gostava de ter uma casa de fim-de-semana e eu já tinha dificuldades de espaço em Lisboa para poder guardar minhas revistas de banda desenhada), esta era rodeada de um quintal grande com três figueiras enormes, cujas ramagens ultrapassavam os meus muros e caíam sobre um terreno vazio. Passados poucos anos, alguém comprou aquele terreno e resolveu construir uma casa. As figueiras cada vez maiores permitiam a quem passasse perto dos meus muros apanhasse figos. Estes, entretanto, também iam caindo no chão. Quando a nova casa foi feita o seu construtor resolveu fazê-la muito junto à minha e com uma churrasqueira ligada ao meu muro. É claro que os figos começaram a cair na propriedade do novo vizinho. Fui cortando as ramadas que ultrapassavam o muro, mas demorei alguns anos até que estas estivessem mais curtas. Entretanto, comecei a ter problemas com o vizinho que me ameaçou com uma motosserra para cortar as árvores. Eu disse-lhe que se ele cortasse as árvores (eu só vou lá aos fins-de-semana e nem sempre), era capaz de acontecer alguma coisa à sua integridade física... chamou a polícia (que nem sequer me incomodou), etc... Com o passar dos anos, os donos faleceram, os herdeiros venderam a casa e hoje tenho uns vizinhos (casal com filha) com quem nos damos lindamente, apesar de as figueiras continuarem a deixar cair para lá os figos (e ameixa, também tenho uma ameixeira em idêntica situação). Todos os anos, dou-lhes ameixas e figos.

GASPARG ELI SEVERINO
R. João Voss Júnior, 66 – Guarani – Brusque – SC – 88350-685

A capa está ótima, árvore do vizinho faz sujeira no quintal alheio. Por sinal, é bem apropriado para a coletividade brasileira, de um modo geral, que pouco se preocupa com a qualidade do meio ambiente, jogando lixo nas ruas e locais públicos, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Acontece porque a classe política e governante, a mídia, os representantes de classe, os educadores, a coletividade em geral pouco ou nada faz para consertar esse estado de coisas, uma pequena minoria somente luta para mudar isso. O “QI” está entre eles. Viva.

E essa do Menu do Cononense eu nem suspeitava, gostaria de ler um número da respectiva revista.

LANCELOTT BARTOLOMEU MARTINS

R. Dr. João Cândido, 1340 – Parnaíba – PI – 64218-410

‘Mistérios do Coleccionismo’ está demais... Nestes dias, buscando na web, me deparei com um vendedor no MercadoLivre disponibilizando um exemplar de “Conan” (Minami & Cunha) por exatos R\$ 875,00! Esses caras estão loucos! Eu mesmo, um tempo atrás, me desfiz do meu acervo, dando simplesmente para desocupar espaço e mudanças por exigência do trabalho... Hoje, quando, aqui e ali, para uma pesquisa para meu blog, preciso de alguma revista, não é possível comprar mais – está muito caro! Por necessidade de informações, terminamos comprando... Mas acho que existe uma avaliação desmedida do valor real de algumas revistas, principalmente se for comparar com o modo de venda dos comics, por exemplo, que levam em conta vários aspectos, como primeira aventura, primeira edição, desenhistas, etc... aqui não sei qual é o critério.

O ‘Fórum’ é um dos espaços prediletos, dado à diversidade de opiniões apresentadas e vi ali uma menção sobre o Caçador – fiz um post sobre ele no meu blog – <http://hqquadrinhos.blogspot.com>.

ANTÔNIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Recebido e degustado o número 110 do teu “QI”. É mais um exemplar que me agradou, começando com a página do Benjamin Peppe, com os desenhos do Paulo dos Anjos, Chagas Lima e Aline Leal, as duas páginas do Worney com o artigo sobre Manoel Cesar Cassoli e com algumas capas de algumas revistas que ele publicava, e os lançamentos maravilhosos do Sérgio Luiz Franque. Mas quero falar mais uma vez do senhor Edgard, me diz uma coisa, ó pá, estás a querer ofuscar os teus colaboradores? Sem brincadeira, os teus artigos e comentários estão demais (tu sabes que não faço média com ninguém, muito menos contigo, quando o artigo não me agrada, eu critico mesmo!). Gostei muito de ‘O Menudo de Colonnese’, eu não sabia que o mestre tinha desenhado até os Menudos, eu sou apaixonado pela arte do Colonnese. Outra coisa linda é o teu comentário ‘Eu Já Fui um Livro sobre Tigres...’, pois é, amigo, o preconceito contra os quadrinhos continua até hoje para muita gente. Como você bem diz, nada contra a reciclagem, apenas eu prefiro que usem as maravilhosas revistas de fofocas. Olha, muitas vezes eu vejo essas revistas nas calçadas e nas lixeiras, mas não vejo revistas em quadrinhos, pois se alguém as joga fora, rapidamente alguém as pega, criação ou mesmo algum adulto. Também gostei muito da tua historinha sobre o meio ambiente. E também estou gostando de você publicar o que desenhou mais de 33 anos atrás – ‘Do Fundo do Baú’. Para finalizar, te informo que comprei o livro “O Bravo Brado de um Bardo” do Cássio de Aquino, com a tua linda arte, com o desenho da sereia que ficou mais linda a cores. Esta capa foi a do nº 88 do “QI”, de setembro/outubro de 2007.

LARI FRANCESCHETTO

R. João L. Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000

Faz eco por aqui exemplar do “QI” 110, fruto de seu talento, doação e luta, agradecendo-o pela generosidade, atenção e intercâmbio! Estou me organizando para ir à fronteira com o Uruguai, como Patrono do 3º Armazém Literário, em Santana do Livramento – Rivera (só uma rua separa o Brasil do Uruguai), em outubro. O evento é binacional.

CÁSSIO DE AQUINO

C. P. 250 – São Paulo – SP – 01031-970

Como de costume, montei um novo zine com o seguinte título: “Idiossincrasia Permutável”. Resolvi montar de uma forma mais completa, ao menos como um fanzine de poesias. Vou distribuir esse fanzine gratuitamente para quem escrever para a minha caixa postal. E pode enviar carta social, sim!

SÉRGIO LUIZ FRANQUE

R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

O “Tarzan” mensal deverá terminar no nº 25, onde priorizamos fotos nas capas. O nº 25 deverá sair em dezembro de 2011. O “Cowboy Valente” e o “Cowboy no Cinema” irão só até o nº 12, em dezembro de 2011. A partir de janeiro, iniciará um novo ciclo da revista “Tarzan”. Serão 25 álbuns de 100 páginas cada, com ilustrações nas capas de Boris Vallejo e Joe Jusko. Cada álbum, no seu miolo, vai ter um artista diferente: Hogarth, Manning, Kubert, Doug Wildey, Paul Norris etc. As aventuras serão quadrinizações das novelas escritas por Edgar Rice Burroughs. Continuaremos a lançar mais e mais almanaques. Faltam ainda Daniel Boone, Davy Crockett, Kit Carson, Bill Dinamite, Bill Tiro Certo, Dale Evans, Matt Slade etc... Eu não faço esses lançamentos com o intuito de vender. Se vender, bem. Eu faço isso para suprir um desejo quase louco de comprar coisas boas. Como as que tínhamos antigamente. Esse desejo de ter novamente novos almanaques e gibis do Tarzan me proporciona momentos de extrema euforia, me levando de volta no tempo.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

As crônicas ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Mantendo Contato’ do Worney e Depoimento do editor Paulo Ricardo são nota 10 em qualquer jornal deste Brasil imenso. Se Sempé pode, o Edgard também pode! Não é? A cara da idosa quando sente que mais uma folhinha vem ao chão é de dar pena. Enquanto isso, o marmanhão fica por detrás da cerca, fingindo que nada vê, e a pobre velhinha limpando e formando um monte de folhas. Isso demonstra que muita gente não tem pena dos idosos e quer mais é se ver livre deles.

MARCOS VENCESLAU

Av. Assaré, 20 – J. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060

Agradeço o envio do “QI”, é muito bom recebê-lo. Aproveitando para dizer que tem ficado melhor, diversificando os quadrinhos e as boas reportagens que tem ocorrido, nos últimos números principalmente.

ANDERSON CAMILO

R. Três, 135, próx. escadaria – Ipatinga – MG – 35162-750

Incrível a sua observação nas páginas 10 e 11 do “QI” 110. É fato que esses roteiristas desalmados saem por aí matando tudo e todos no universo HQ, e, quando não têm nada mais a fazer, ou a desfazer, esses seres “criam” um tal de ‘Ultimate Universe’ – a gota d’água, na minha opinião.

O fanzine que lhe enviei, “Supersonagens”, é uma homenagem a “Aventura & Ficção” e, principalmente, “Superaventuras Marvel”. Eu o fiz por vários motivos, mas, mais necessariamente, por dois: ódio e amor!

ANTÔNIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Continuo acompanhando a matéria ‘Mistérios do Coleccionismo’, muito boa mesmo. Gostei também do teu trabalho escolar publicado na página 6 e da tira da Aline Leal publicada na página 8. Estou enviando um trabalho humorístico da quadrinhista Jéssica Dalcim, feito logo após a fundação do Núcleo de Quadrinhistas – Quadrinhos S.A, 9 anos atrás.

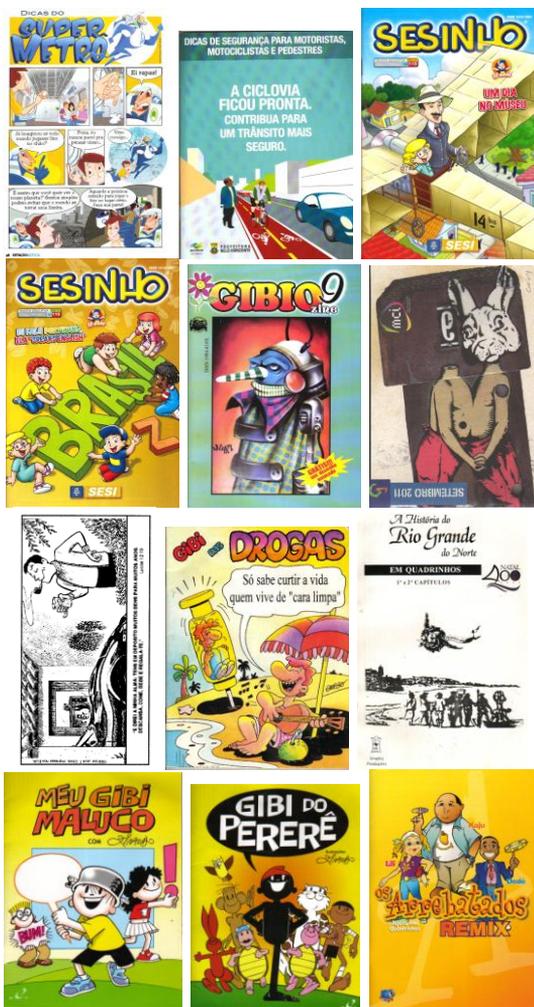
JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 – Cachoeiro de Itapemirim – ES – 29304-450

Fiz cirurgia para retirar pedras dos rins, e me livreí dos tormentos das dores. Não pude operar antes, pois os médicos não liberavam, até que finalmente liberaram após eu responder bem aos remédios. Agora estou bem, graças a Deus.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

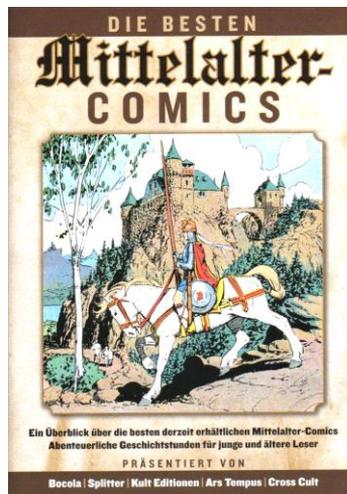
Paulo Joubert Alves enviou HQ sobre o Metrô publicada na revista “Estação Notícia”; cartilha “A Ciclovía Ficou Pronta” feita pela Prefeitura de Belo Horizonte. Gaspar Eli Severino enviou os n°s 115 e 116 de “Sesinho” produzida pelo SESI. Gazy Andraus enviou o n° 9 de “Gibi Zine”, revista de divulgação científica feita pela Universidade de São Carlos; catálogo ilustrado com a programação do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso. Ruy José Furst Gonçalves enviou por e-mail a HQ “Juízo Final”, retirada de um site religioso, mas publicada em forma de livreto e distribuído por uma igreja evangélica. O copyright é de Jack T. Chick. Consegui as seguintes edições: cartilha “Gibi das Drogas”, ilustrada por Grego para o Rotaract Club de Chapadão do Sul (MS); revista “A História do Rio Grande do Norte”, feita por Alcides Sales para a Prefeitura de Natal; duas revistas da Educacional, “Meu Gibi Maluco” e “Gibi do Pererê”, onde alunos de uma Oficina de Texto escreveram roteiros para histórias em quadrinhos feitas previamente por Ziraldo; revista em quadrinhos “Os Arrebatados” com CD do grupo Arrebatados.



IDADE MÉDIA NOS QUADRINHOS

Gerd Bonau, editor da revista de quadrinhos independentes alemães “Omi”, enviou a revista “Mittelalter Comics”, uma revista em formato A5, com 32 páginas totalmente coloridas. A revista enfoca o tema da Idade Média tratado por várias séries de Histórias em Quadrinhos. Traz reproduções de páginas das séries, texto (em alemão) sobre o trabalho, pequena biografia sobre os autores, tudo muito bonito de ver.

Das séries enfocadas, foram publicadas no Brasil somente o Príncipe Valente de Hal Foster e Mouse Gard de David Petersen.



Para quem acompanha o que é publicado em Portugal, há outras séries conhecidas.

O Cavaleiro Ardente, de François Craenhals, teve várias aventuras publicadas, 5 na forma de álbum com capa dura e outras na forma seriada em revistas. Infelizmente não foi publicada de forma completa, o que é uma pena. A primeira vista, esta série pode parecer um pastiche de Príncipe Valente, com um jovem cavaleiro na mesma época do Rei Arthur. O ponto mais interessante é que a relação do Cavaleiro com o Rei Arthur, amistosa a princípio, vai se degenerando até se tornarem antagonistas. Infelizmente o desfecho desse conflito não saiu em Portugal.

“As Torres de Bois-Maury” é um ótimo trabalho de Hermann, que já havia feito outras séries famosas como “Comanche” e “Bernard Prince”, dessa vez se enveredando pela Idade Média. Os três primeiros álbuns da série foram publicados pela editora Meribérica, até que ela encerrou suas atividades. A editora VitaminaBD publicou mais um álbum, mas já fora da ordem. Há vários álbuns ainda inéditos em Portugal.

“Os Companheiros do Crepúsculo” de François Bourgeon tiveram mais sorte. Uma série fechada de três álbuns, foi totalmente publicada em Portugal pela Meribérica. Um trabalho excelente, talvez ainda possível de ser encontrado.

Mas várias outras séries, inéditas em português, são enfocadas, aparentemente todas de ótima qualidade, pela amostra apresentada. Os desenhos são muito bem feitos e os temas parecem interessantes, com um certo predomínio da fantasia com a presença de druidas e feiticeiras.

De qualquer forma, uma pena que esse material não seja publicado em português. Não creio que haja perspectivas. Quando a VHD tentou publicar por aqui algo parecido, a série Thorgal, não teve sucesso. Melhor não ter esperança.

Fundamentos

Filosófico



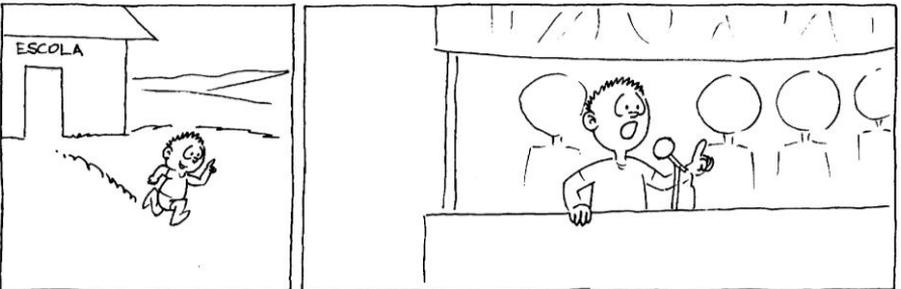
Pedagógico



Psicológico



Social



Mais uma HQ feita na época de faculdade para um trabalho sobre os Fundamentos da Recuperação Escolar.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

MANOEL CESAR CASSOLI E A EDITORA MACECA

Manoel Cesar Cassoli, que era editor e dono da Editora Taika nos anos 1960 e 1970, fez uma incursão nos quadrinhos, em 1983, que não deu resultado, com a Editorial Cunha, com quatro títulos e um almanaque. Mas ele teimou e voltou em 1991. Dessa vez, ele criou a Maceca Editora e Representações Ltda. A empresa era localizada no Bairro da Luz, em São Paulo, na Rua Doutor Pedro Arvues, 92. Manoel Cassoli era o editor, seu filho Petrus Costa Cassoli, o diretor comercial, e a arte (e talvez a diagramação) ficava a cargo de René Barreto Figueiredo. A Maceca teve dois momentos distintos, em 1991 e em 1994.

CONTINUANDO COM A FÓRMULA DO PASSADO

Mesmo com a experiência fracassada em 1983, Manoel Cassoli manteve a fórmula antiga de republicar histórias de terror, reaproveitando os fotolitos das editoras das décadas de 1950 e 1960, no tamanho comics e com 36 páginas. Novamente o resultado foi pífio e novamente Cassoli recorreu ao almanaque para desovar os grandes encalhes. O interessante nessas edições foi a publicação de autores nacionais e americanos consagrados (não pagando os direitos autorais pelas republicações!) e a tentativa de recuperar as antigas revistas de piadas com várias charges por página.

Mas nada motivou os leitores, que tinham nas bancas revistas em formatinho coloridas e se maravilhavam com as lindas graphic novels e edições especiais que começavam a chegar no mercado. A velha fórmula de publicar revistas nos anos 1950 e 1960 não tinha mais espaço nos locais de venda e na curiosidade dos compradores de gibis.

Ficaram na memória mais cinco revistas que pouca gente conheceu ou leu. A lista delas está abaixo:

“**Seleções de Terror**” nº 1 (36 páginas, tamanho 17,5x26,5cm, CR\$ 300,00, maio de 1991). Capa do grande mestre Jayme Cortez. As outras capas têm anúncios de publicações da Editora Luzeiro. Já as HQs são: ‘O Monstro Rastejante’ (autor americano dos anos 1950) conta a aventura de um jovem arqueólogo da península de Yucatan enfrentando uma cobra gigante chamada Quetzacoatl; ‘O Casal da Porta ao Lado!’ (outro autor americano sem

identificação) apresenta uma boa história de humor negro sobre uma megera e seu pobre marido; ‘Groot!’ é uma das famosas HQs de monstros espaciais que Jack Kirby (com arte-final de Dick Ayers) fazia nos anos 1960; ‘Sou uma Bomba-Relógio!’ (de Paul Reinman), uma clássica HQ de ficção científica, típica do clima da Guerra Fria; e ‘O Renascimento do Monstro’ (de Dick Briefer) com o renascimento do monstro de Frankenstein.



“**Seleções de Terror apresenta Drácula**” nº 1 (36 páginas, tamanho 17,5x26,5cm, CR\$ 300,00, maio de 1991). A capa é de JAC, um trabalho descuidado e meio infantil. As outras capas são anúncios da Editora Luzeiro, com destaque para a contra-capa com o livro “Sonhos” de Theodore Field e uma linda capa de Jayme Cortez. A HQ principal é do personagem Drácula. ‘O Parque dos Horrores’ é uma aterrorizante história da equipe do mestre Nico Rosso (roteiros de Maria Aparecida Godoy, desenhos de Rosso e arte-final de João Rosa e Kazuhiko), que produziu a maior parte das HQs de terror nos tempos da editora Taika. Desta vez, o príncipe das trevas consegue suas vítimas num parque de diversões e transforma seus corpos em figuras horrendas de um museu de cera. A revista é completada com duas HQs de uma página, ‘Mistérios Insondáveis’ e ‘Mistérios do Destino’.

“**Piadas Picantes**” nº 1 (36 páginas, tamanho 17,5x26,5cm, CR\$ 300,00, abril de 1991). Capa de Jack Flynn. O curioso é que a capa reproduz um material mais apelativo, produzido no final dos anos 1960, e o conteúdo da revista é composto por piadas mais maliciosas ao estilo dos anos 1950, criando uma pequena contradição editorial, que também acontece com a revista “Piadas Patéticas”. As outras capas têm anúncios de literatura de cordel, piadas e o livro “Sonhos” da Editora Luzeiro. O material interno tem dezenas de piadas americanas, sem identificação, como o famoso Ward, e alguns autores nacionais como Manobruja, o mestre Lyrio Aragão, Augusto, Jorge Cavalli e o outro mestre João Batista Queiroz.

“**Piadas Patéticas**” nº 1 (36 páginas, tamanho 17,5x26,5cm, CR\$ 300,00, abril de 1991). A edição é exatamente igual a “Piadas Picantes”, edição, primeira capa também de Jack Flynn e autores. Destaque apenas para outros piadistas nacionais que aparecem nas páginas da revista: Leon, Pedro Schmitz e Luiz Sátiro (assinando Victor Forde) e o americano Beltran.

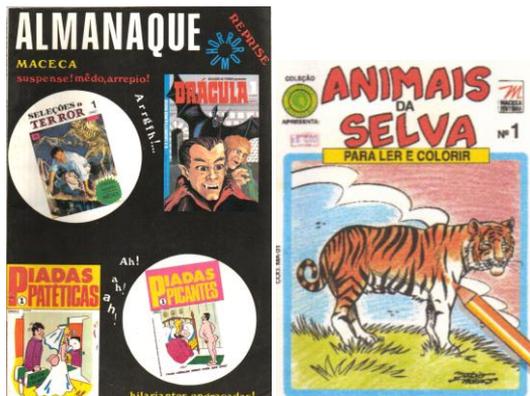


O inevitável “**Almanaque Reprise Maceca**” (132 páginas, tamanho 17,5x26,5cm, CR\$ 3.000,00, janeiro de 1992) com os quatro miolos e a capa reproduzindo as anteriores com um fundo negro e a contra-capa com anúncio do livro “Sonhos”.

OUTRA FÓRMULA QUE NÃO DEU CERTO

Mas Manoel Cassoli não desistiu e como a velha fórmula (das revistas de terror, faroeste, guerra e piadas) não vendia mais, o jeito foi investir em outro segmento. E assim, em 1994, encontramos nas bancas mais três revistas da Maceca. Dessa vez, a editora mudou para a Rua Carneiro Leão, 58, na Moóca, e apresenta dois novos colaboradores: como diretor de arte, Fabio Gomes Moraes (que desenhou capas, passatempos, anúncios e criou os personagens) e como redator, Gilberto Schoereder. A nova tentativa mirou para as revistas infantis de histórias e passatempos para crianças. As revistas tinham tamanho magazine (21x27,5xm), 16 páginas e preço de R\$ 0,80.

Anunciadas como mensais ou bimensais e indicando a publicação de novos números, as revistas só ficaram nos primeiros, indicando que a vendagem não foi proveitosa. Parece que, infelizmente, os tempos editoriais de Manoel Cesar Cassoli tinham terminado e deixado mais três revistas para recordar dos bons tempos e a tentativa de novas possibilidades não realizadas.



“**Coleção Mundo Animal apresenta Animais da Selva**” (novembro de 1994), tendo como subtítulo “para ler e colorir”, com 12 animais selvagens.

“**Coleção Arco-Íris apresenta Baby Signs**” (outubro de 1994), com uma turminha de personagens infantis inspirados nos signos do zodíaco.

“**Coleção Contos Encantados apresenta A Bela e a Fera**” (janeiro de 1995), também como subtítulo “para ler e colorir”, adapta a história clássica de Le Prince de Beaumont.



ALGUMAS CURIOSIDADES

A revista “Drácula”, embora traga uma história escrita por Maria Aparecida Godoy, traz na capa a informação “R. F. Lucchetti & Nico Rosso”.

O autor Dick Briefer, depois de produzir uma série de HQs de Frankenstein num estilo realista, criou uma série caricatural do monstro, que foi publicada no Brasil, na revista “O Guri”, fazendo bastante sucesso.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

JOACY JAMYS

Joacy Jamys Nascimento Souza nasceu em 9 de outubro de 1971, no Rio de Janeiro, e faleceu em dezembro de 2006 em São Luís (MA). Desde 1986, Joacy Jamys produziu quase tudo o que envolve HQs, ilustração e editoração gráfica, design gráfico e webdesign. Editor de inúmeros fanzines, apostilas e revistas, fez centenas de HQs produzidas em diversos estilos e gêneros. Produziu inúmeras capas, logotipos, artigos, portfólios, músicas e centenas de tiras. Ativista do movimento anarcopunk, integrou a ULMA (União Libertária), foi vocalista da banda Última Marcha. Ministrou diversos cursos de quadrinhos, tiras, cartuns e desenho. Publicou no exterior a partir de 1991, em Portugal, Espanha, Tchecoslováquia, Polônia e outros países. Participou de inúmeras exposições, ganhando algumas menções honrosas.



Comecei a publicar fanzines ainda com 14 anos de idade. Conhecendo outros quadrinistas amadores que estavam envolvidos com super-heróis, e na época várias revistas de HQB saíam nas bancas, tínhamos a vontade de publicar nossos próprios trabalhos. Começamos com o zine “Legenda”, que no início se chamou “Heróis em Ação” e “Tepos!”. Tratava de comentar revistas de super-heróis e publicar nossas criações, inclusive as minhas (Dronn, o Mercenário, e Tandramir, por exemplo).

Fiquei sabendo da existência de outros fanzines através de seções de cartas das revistas da Editora Abril. Comecei a escrever e conheci mesmo um fanzine após o n° 7 de “Legenda”.

A distribuição dos fanzines era feita através dos Correios ou no mano-a-mano em São Luís.

O propósito dos fanzines era divulgação dos trabalhos de autores amadores e profissionais.

As dificuldades para fazer os fanzines eram o tempo e dinheiro para xerox e cartas. Material, até nem tanto. Com os zines punk, principalmente, a participação era ampla.

ZINES NO MARANHÃO

A produção de zines maranhenses começou por volta de 1986. O 1º zine foi o “Legenda”, enquanto surgia na Universidade Federal do Maranhão a revista alternativa “Sem Essa” de Iramir Araújo, que já trabalhava para a Grafipar e publicava em revistas locais.

Ainda em 1986, novos zines surgiram. “Ironia”, editado por Augus e Jamys, tratava de humor. Em 1987, começaram a aparecer mais zines, como o “Prancheta” de Chema, “Fora de Série” de Lupo e “Quadrune” de Astrogildo Sales. Eram zines ecléticos, mas basicamente publicando HQB.

Com uma efervescência no cenário de quadrinhos no Brasil nesta época, os quadrinistas e faneditores maranhenses resolveram criar o Grupo de Risco e publicar o fanzine “SingularPlural” em 1988.

Já no começo da década de 1990, vários zines maranhenses terminaram e o Grupo de Risco estava totalmente reformulado, ficando apenas Iramir e Jamys do grupo original, e integrando Rômulo, Beto Nicácio, Ronilson Freire e Ricardo Borges. Em 1992, lançam a revista “SingularPlural”, que teve boa aceitação. Alguns de seus integrantes começam a participar do intercâmbio entre zines estrangeiros, publicando em Portugal, Espanha e outros países.

O Grupo de Risco lança em 1988 o “Troféu Risco”, dedicado totalmente aos zineiros.

O Grupo de Risco muda seu nome para SingularPlural Quadrinhos e por volta de 1995 começam os primeiros cursos de HQ em São Luís, embora o Iramir já tivesse ministrado um curso na década de 1980. Rômulo, Nicácio e Jamys começam a participar de encontros universitários e ministrar cursos em centros culturais. Nesses cursos começa a aparecer uma nova safra de quadrinistas maranhenses.

O segundo grupo de HQs a surgir no Maranhão foi o Fator RHQ (com Tony Machado, Djalma Lúcio, Bruno SA, Ricardo Pontes, Zeck, Samira e outros), que lança o zine “Área de Mancha”. Ao mesmo tempo, havia uma turma que fazia o zine “Universo 3000” no CEFET/MA (destacando Carlos Eduardo e Carlos Bayma, que depois montaram o Tráfede).

Em mais outro curso, desta vez no SESC, surgiram mais quadrinistas. Montaram novo grupo, o Necrobiose, lançando um zine homônimo. Desse grupo, apenas Diogo Henrique prosseguiu e passou a integrar o Fator RHQ.

No final da década de 1990, o SingularPlural com novos integrantes (Jonilson e Luca) lança as revistas “Fúria” e “Fusão” e cria um site. Jamys e Jonilson montam a Oficina Comixx, um local especializado em cursos artísticos. Surgem novos cartunistas e quadrinistas com novos grupos como Traçadores e Conglomerado, lançando zines como “Scroto” e “Rasgamortalha”. O grupo Conglomerado montou o curso Oficina de Talentos. Apareceu também o grupo de mangá Upaon-Açu Manga.

Outros quadrinistas surgiram como Ivan Veras, do zine “Cólera”, Michael e o multieditor Vidomar, lançando vários zines e incentivando os iniciantes a produzirem os seus.

O talento alternativo neste Estado é destacável em seus exemplos, onde artistas são reconhecidos internacionalmente, premiados e elogiados na grande imprensa.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições feitas por Joacy Jamys, pelos grupos de que participou (Grupo de Risco e Grupo SingularPlural), ou com seus trabalhos.

– “Heróis em Ação” (of.2, 4 pág.): 1 (abr/1986) a 10 (abr/1987). Comentários sobre revistas de super-heróis e trabalhos de Joacy e outros colaboradores.

– “Teposl” (of.2, 4 pág.): 11 (mai/1987). Mudança de nome do fanzine, durante apenas um número.

– “Legenda” (of.2 e 1/2 of.2, 4 a 36 pág.): 12 (jun/1987) a 26 (1992). Nova mudança de nome a partir do nº 12, o único em formato ofício 2, a partir do nº 13 passou a formato 1/2 of.2. A partir do nº 20, passou a ser coletânea de trabalhos de alguns autores como Henry Jaepelt, Alberto Monteiro, Laudo, Calazans e o próprio Joacy.



“Heróis em Ação” nº 3, “Teposl” nº 11 e “Legenda” nº 13

– “SingularPlural” (1/2 of.2, 20 a 84 pág.): 1 (1988) a 7 (mai/1991). Editado pelo Grupo de Risco, promoveu intercâmbio com outros países, principalmente Portugal e Espanha.

– “Legenda Comix” (1/2 of.2, 28 a 32 pág.): 1 (1998), 2 (mar/2001). Continuação da linha editorial mista de “Legenda”.

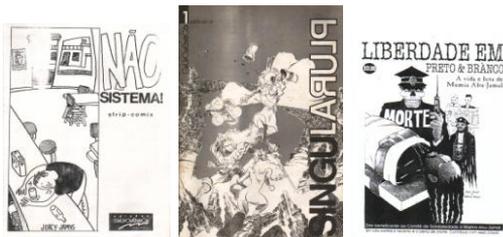


“Legenda” nº 26, “SingularPlural” nº 1 e “Legenda Comix” nº 1

– “Não Sistema!” (1/2 of.2 e of.2, 12 pág.): 1 (jun/1993) a 3 (fev/2003). Editado pelo Grupo de Risco com seleção de tiras de Joacy Jamys.

– “SingularPlural” (190x280mm, 52 pág., off-set): 1 (1993). Primeira tentativa do Grupo de Risco de fazer uma revista.

– “Liberdade em Preto e Branco” (1/2 of.2, 20 pág.): 1 (2000). HQ de Joacy sobre a vida de Mumia Abu-Jamal.



“Não Sistema!” nº 1, “SingularPlural” nº 1 e “Liberdade em Preto e Branco”

– “Fusão” (f. amer., 48 pág., off-set): 1 (1997) a 3 (jan/1999). Editado pelo Grupo SingularPlural Quadrinhos, com capa colorida, trouxe séries de FC, aventura, policial e terror.

– “Fúria” (f. amer., 48 pág., off-set): 1 (2000). Editado pelo Grupo SingularPlural Quadrinhos, com capa colorida e uma linha de HQs mais pessoais.

– “Não Sistema!” (140x200mm, 48 pág.): volume 3 da coleção ‘Das Tiras, Coração’, publicado em setembro de 1995 pela Editora Marca de Fantasia, com seleção de tiras de Joacy Jamys.



“Fusão” nº 1, “Fúria” nº 1 e “Não Sistema!”

Outras publicações de Joacy Jamys.

– “Ironia” (1/2 of.2, 16 a 24 pág.): 4 números a partir de 1986, co-editado com Augus, com humor e sátira a super-heróis. Saiu um número especial editado apenas por Augus.

– “Mundo Caótico” (1/2 of.2, 28 pág.): 1 número em 2002, co-editado com Curisco, com HQs punks. Esta edição talvez tenha saído também com o nome “Legenda”.

– fanzines punks ou anarquistas como “Grito Punk”, “Grito?”, “Sociedade dos Mutilados”, “Libre” e “Anarco”.

– apostilas para cursos sobre Histórias em Quadrinhos e Editoração Gráfica.



“Ironia” nº 3, “Grito Punk” nº 11 e “Grito?”



“Sociedade dos Mutilados” nº 5 e “Curso de Histórias em Quadrinhos” nº 1

EDIÇÕES INDEPENDENTES



ARLEQUIM

Na conclusão da "Fase um" da série Arlequim, pela primeira vez temos uma edição sem os textos auxiliares, somente a HQ "As Irmãs". Nela, Emília deve enfrentar sua eterna amiga Narizinho para recuperar o título de Arlequim.

Nº 20 - jun/2011 - 32 pág. - A5 - capa colorida - R\$5,00 - **Roberto Hollanda** - Rua Sousa Aguiar 322 casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720 - 035 - arlequimhc@yahoo.com.br
www.hollandacomics.blogspot.com



ARLEQUIM - AMOR MECÂNICO

Álbum que compila as HQs de Arlequim publicadas no zine homônimo, nas edições 6 a 9. Emília deve ajudar Narizinho a salvar o mundo da ameaça do Homem de Lata e sua Musa Universal. Obra premiada como melhor HQ de 1998.

Nº 2 - ago/2011 - 80 pág. - A5 - capa colorida, impressão offset, lombada quadrada - R\$15,00 - **Roberto Hollanda** - Rua Sousa Aguiar 322 c/ 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720 - 035 - arlequimhc@yahoo.com.br
www.hollandacomics.blogspot.com



Fanzine A Tréplica
Fanzine Essência Poética
Textos sociológicos,
poesias e ilustrações
contatos: tchedenilson@gmail.com



QUADRINHOS

ALMANAQUE DO APACHE KID 1956 * 2011 * 112 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 60,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ARLEQUIM * nº 20 * jun/2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **Roberto Hollanda** - R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720-035.

ARLEQUIM - AMOR MECÂNICO * nº 2 * ago/2011 * 80 pág. * A5 * capa color. * R\$ 15,00 * **Roberto Hollanda** - R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720-035.

ÁTOMO * nº 3 * set/2011 * 12 pág. * A5 * **Ricelle Sullivan Suad** - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Cambaó - São Luís - MA - 65020-401.

BRUSQUE ONTEM * vol. III * set/2011 * 28 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARICATURAS * nº 1 * set/2011 * 8 pág. * A5 * **Orlando Bezerra Sanches** - Rua 02, Quadra 32, Lote 19 - Setor Sul, 2ª Etapa - Anápolis - GO - 75106-660.

CARTUM * nº 65 * set/2011 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CASTELO DE RECORDAÇÕES * edição comemorativa de 20 anos * nº 40 * jul/2011 * 42 pág. * of. 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

CÁUCASO * 2011 * 8 pág. * A5 * **Gazy Andraus** - R. Jacob Emerick, 458/805 - Centro - São Vicente - SP - 11310-070.

COLEÇÃO HOPALONG CASSIDY * nº 1 * out/2011 * 20 pág. * ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

COLEÇÃO JIM DAS SELVAS * nº 3 * fev/2011 * 20 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

O COWBOY DO CINEMA * nº 4 * abr/2011 * 40 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 30,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

O COWBOY VALENTE * nº 4 * abr/2011 * 44 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 30,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

DEVORADORES DE GIBIS * nº 17 * ago/2011 * 14 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

GÊNESIS APOCALÍPTICOS + OS INEFÁVEIS * 2011 * 64 pág. * 165x240mm * capa color. * R\$ 15,00 * **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

HISTÓRIAS SAGRADAS * nº 4 * set/2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

HOMEM-CAMALEÃO * nº 10 * out/2011 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 2,00 * **Ricelle Sullivan Suad** - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Cambaó - São Luís - MA - 65020-401.

IRON MAIDEN em quadrinhos * nº 1 * 2011 * 52 pág. * 170x260mm * color. * R\$ 5,00 * **Hamilton Tadeu** - C.P. 15030 - São Paulo - SP - 01537-970.

JANELA PODEROSA * nº 9 * 2011 * 8 pág. * A6 * **Ric Ramos** - R. Ierê, 921 - Cs.1 - Vicente de Carvalho - Rio de Janeiro - RJ - 21370-590.

JORNAL GRAPHIQ * nº 57 * set/2011 * 16 pág. * 280x320mm * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

LEITOR VIP * nº 16 * set/2011 * 16 pág. * A5 * **Aldo dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

OMI * nº 86 * set/2011 * 20 pág. * **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

RAIO NEGRO * nº 13 * ago/2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

REAÇÃO * nº 2 * ago/2011 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

SUBTERRÂNEO * nº 44 * out/nov/2011 * A6 – folha A4 dobrada * **Marcos Venceslau** – Av. Assaré, 20 – V. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060 – subterraneo.zine@gmail.com.

SUPERPERSONAGENS * nº 1 * 2010 * 34 pág. * ofício 2 * R\$ 12,00 * **Anderson Camilo** e **Cláudio Alves** – R. Três, 135, próx. escadaria – B. Nova Esperança – Ipatinga – MG – 35162-750.

TARZAN * nº 10 * out/2010 * 52 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 30,00 * **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

VIA UNIVERSAL * out/2010 * 6 pág. * 1/3 A4 * **Gazy Andraus** – R. Jacob Emerick, 458/805 – Centro – São Vicente – SP – 11310-070.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * nº 206 * ago/2011 * 16 pág. * ofício * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

IDIOSSINCRASIA PERMUTÁVEL * 2011 * 12 pág. * A5 * **Cássio Aquino** - C. P. 250 - São Paulo – SP – 01031-970.

JUVENATRIX * nº 130 * out/2011 * 26 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

MEGAROCK * nº 56 * jul/ago/2010 * 14 pág. * A4 * **Fernando Cardoso** – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BERRO * nº 21 * **W. Bastos** – C. P. 100050 – Niterói – RJ – 24200-971.

BOLETIM DA ANFB * nº 31/2011 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

CICLONE * nº 2 * **Carlos Roberto de Souza** – R. das Andorinhas, 398 – Vila Centenária – Machado – MG – 37750-000.

COTIPORÁ CULTURAL * nº 36 * **Adão Wons** – R. Marcílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

O GARIMPO * nº 75 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

O LITERÁRIO * nº 814/815 * **Osael de Carvalho** - C.P. 8009 - Rio de Janeiro - RJ - 21032-970.

LITERARTE * nº 316 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

VIDA E PAZ * nº 147 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

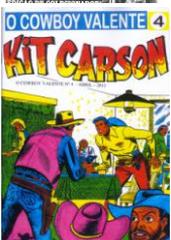
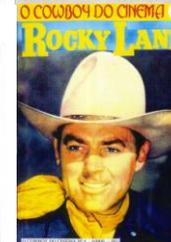
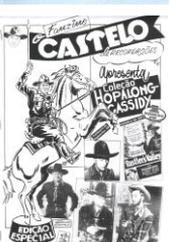
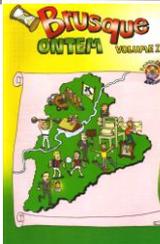
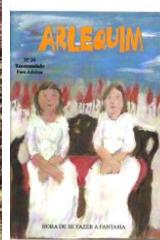
RECADOS

Arnaldo F. Gonçalves enviou edição de anúncios de fanzines e colecionadores. – C.P. 09 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08530-970.

Benilson Toniolo divulga o “III Prêmio Araucária de Literatura”. – Informações: premioaraucaariadeliteratura@bol.com.br.

Abelardo Souza enviou seu Catálogo “Retrospectiva” com oferta de gibis em formatinhos, da Abril, RGE, Artenuva, Vecchi etc. – R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370.

GALERIA DE CAPAS



TAPEJARA

Antônio Pereira Mello enviou as tiras abaixo do personagem Tapejara, criação de Louzada, publicadas no jornal “Diário de Santa Maria”. Algumas tiras abusam do regionalismo a ponto de ficar meio incompreensível para quem não é gaúcho e não conhece as expressões locais, mas na maioria das vezes é nisso que reside a graça e a originalidade da série. Não sei se é publicada em outros jornais, mas sem dúvida é um trabalho que merece maior distribuição.



Tapejara

Louzada



Tapejara

Louzada



Tapejara

Louzada



Tapejara

Louzada



Há alguns anos, Louzada arriscou produzir um jornal de humor coletando suas tiras, intitulado “Chasque do Tapejara”. Conseguiu vários números através do Jesus Nabor Ferreira, dono de uma giberiteria em terras do sul. O jornal, todo colorido, cheio de Tapejara por todo lado, com sua grossura a toda prova, era ótimo. Algumas sequências, com a ida do Tapejara com sua Tia Arnica a Roma para dar uns conselhos ao Papa, são antológicas.

JUVENATRIX

JUVENATRIX - Faculdade de Direito e Ciências Jurídicas - 40023 - Santa Maria - RS - 97090-000



FANZINE
MEGAROCK
"A FORÇA DO ROCK N' ROLL"
ANO XX - N.º 56 - JULHO 2010
Distribuição Gratuita

SALÁRIO MÍNIMO
EM 100% MAIS

*QUADRINHOS "DIVULGAÇÕES"
*DEMOS "CDS "PUBLICAÇÕES"
*MUITO ROCK EM 14 PÁGINAS!!



EDGARD
GUIMARÃES
1942 10 27 8



MAS VOCÊ NÃO O LEVOU
PARA UM HOSPITAL...



NÃO, ACONTECEU ALGO
DURANTE A VIAGEM...



TIO...
NÃO SE ESFORCE,
JÁ VAMOS CHEGAR...



EU... ESTOU MELHOR...
A FEBRE... ESTÁ
BAIXANDO...



TIVE UM PALPITE QUE
ERA MELHOR MANTER
SEGREDO SOBRE O CASO.



DECIDI VIR DIRETO PARA
CASA. EU NÃO SABIA AINDA
O QUE DEVERIA FAZER...



MAS A SOLUÇÃO ME
ESPERAVA EM CASA!



NOSSO TIO RICO ESTAVA
AQUI, TINHA VINDO
NÓS VISITAR.



EU NÃO SABIA QUE SEU
TIO FREQUENTAVA A
CASA DE VOCÊS...



PRIMEIRA E ÚNICA VEZ.



E LEVOU UM BELO SUSTO QUANDO VIU O TIO ENTRAR PELA PORTA COM O HUGO...



COMECEI ARGUMENTANDO QUE A SITUAÇÃO DO HUGO ERA RESPONSABILIDADE DA EMPRESA.



APESAR DE ATERRORIZADO, TENTOU ENCERRAR A CONVERSA RAPIDAMENTE E IR EMBORA...



MAS QUE FALTA DE EDUCAÇÃO A MINHA...



HUGO, DÊ UM ABRAÇO NO SEU TIO...



NÃO SERIA MELHOR TIRAR O TRAJE?



AS NEGOCIAÇÕES FICARAM BEM MAIS FÁCEIS A PARTIR DAÍ.



QUERO, HOJE, AQUI, UMA CÂMARA DE CONTENÇÃO PORTÁTIL E TODO SISTEMA DE ESTERILIZAÇÃO ACOPLADO A ELA.



A PARTIR DE AMANHÃ SERÁ CONSTRUÍDO AQUI UM AMBIENTE ISOLADO E ESTERILIZADO COM TODO O CONFORTO POSSÍVEL.



E ASSIM CONSEGUI O MEU PALÁCIO!



MAS E O TRATAMENTO DELE, QUE DOENÇA ELE TEM?...



QUANDO CHEGAMOS AQUI, HUGO JÁ ESTAVA QUASE TOTALMENTE RESTABELECIDO...



O PARDAL TEM ESTUDADO O CASO COM TODA A ATENÇÃO E JÁ DESCOBRIU MUITA COISA...



NÃO A CURA, PELO VISTO.



HUGO FOI INFECTADO POR UM TIPO DE BACTÉRIA LETAL A TODOS OS ANIMAIS...



POR QUE SÓ O HUGO TEM SOBREVIVIDO AINDA É UM MISTÉRIO...

